

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE BACABAL
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

ALICE SILVA E SILVA

O (EN)CANTO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO MARANHÃO

Bacabal – MA
2021

ALICE SILVA E SILVA

O (EN)CANTO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO MARANHÃO

Monografia apresentada junto ao curso de Ciências Humanas, pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA, para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas com Habilitação em Sociologia.

Orientadora: Prof. Dra. Viviane de Oliveira Barbosa

SILVA E SILVA, ALICE.

O ENCANTO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO MARANHÃO / ALICE SILVA E SILVA. - 2021.

61 p.

Orientador(a): VIVIANE DE OLIVEIRA BARBOSA.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, BACABAL, 2021.

1. CANTOS DE TRABALHO. 2. ENCANTADEIRAS. 3.

QUEBRADEIRA DE COCO. I. DE OLIVEIRA BARBOSA, VIVIANE. II.

Título.

ALICE SILVA E SILVA

O (EN)CANTO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NO MARANHÃO

Monografia apresentada junto ao curso de Ciências Humanas, pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA, para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas com Habilitação em Sociologia.

Orientadora: Prof. Dra. Viviane de Oliveira Barbosa

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Viviane de Oliveira Barbosa (orientadora)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof^a. Dr^a. Maria José dos Santos
Professor(a) Examinador(a)/UFMA

Prof^a. Dr^a. Ceália Cristine dos Santos
Professor(a) Examinador(a)/UFMA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por tudo que me tem concedido, por me dar forças nos momentos difíceis, por me proporcionar sabedoria e entendimento nos momentos de escrita deste trabalho.

Agradecer a minha mãe Iracy da Luz Silva e Silva e ao meu pai Antônio Alves da Silva por todo amor, cuidado e apoio, são minhas maiores referências. Aos meus irmãos Anastácia, Maria e Madalena e João Neto pela força e incentivo.

Ao meu esposo e companheiro Luciano Sebastião de Moraes por todo amor, incentivo e compreensão, sempre esteve comigo compartilhando momentos bons e difíceis. As minhas filhas Laura Cecília e Antonela, razões do meu viver, que me fortalecem e tornam meus dias mais felizes.

A minha orientadora Viviane Barbosa, uma mulher inspiradora, obrigada pelo apoio, incentivo, pela oportunidade de ser bolsista pelo projeto de extensão “ O combate à violência entre mulheres rurais: uma questão de segurança pública, cidadania e direitos”, e por fazer eu acreditar que tudo iria dar certo.

Agradeço a PROEX pela bolsa de assistência estudantil.

Aos meus primos Raimundo Alves e Edson Sousa por abrir as portas de suas casas para nos receber, muita gratidão!

Aos meus amigos e colegas de turma pelos momentos compartilhados, jamais esquecerei o que fizeram por mim, principalmente durante minha gestação e pelo apoio ajudando a cuidar da Laura.

A todos que contribuíram de maneira direta e indireta nesse processo de graduação.

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise dos cantos de trabalho do grupo “Encantadeiras”, formado por oito mulheres quebradeiras de coco, com o apoio do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) e da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (ASSEMA). Essas mulheres construíram uma identidade coletiva (quebradeiras de coco) e estão diretamente ligadas ao processo de luta pela terra, preservação e acesso aos babaçuais. Dessa forma, buscamos evidenciar as quebradeiras no campo de sua produção artística, mulheres que encontraram na música um novo jeito de lutar, resistir e buscar direitos, canções que passam a encantar à medida que os saberes tradicionais, a participação nos movimentos e as vivências em comunidade são apresentadas nas letras e nos shows. Partindo desse contexto, analisamos os cantos de trabalho presente no livro intitulado “Encantadeiras: quebradeiras de coco babaçu que cantam e encantam”. Os cantos presentes no livro são de autoria das quebradeiras, de companheiros de luta e outros sujeitos ligados às Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s). As canções analisadas foram selecionadas pelas temáticas de maior relevância dentro desse universo, como: luta pela terra, identidade, trabalho, questões de gênero e meio ambiente. Constatamos que os cantos de trabalho traduzem a vida dessas mulheres, as canções abordam situações que acontecem no cotidiano, expressam a luta em defesa da preservação das palmeiras e pelo livre acesso aos babaçuais, a busca por direitos à saúde e educação, a valorização do trabalho tanto no extrativismo como na agricultura, abordam a questão de gênero e os saberes tradicionais. Por meio dos cantos, as Encantadeiras vêm construindo formas simbólicas de resistir a tudo que ameace o modo de viver dos povos e comunidades tradicionais.

Palavras-chave: Quebradeiras de coco. Encantadeiras. Cantos de trabalho. MIQCB. ASSEMA.

ABSTRACT

This work consists of an analysis of the songs of the group “Encantadeiras”, formed by eight women coconut breakers, with the support of the Interstate Movement of Coconut Break (MIQCB) and the Association in Settlement Areas in the State of Maranhão (ASSEMA). These women built a collective identity (coconut breakers) and are directly linked to the process of struggle for land, preservation and access to babassu palms. In this way, we seek to highlight the breakers in the field of their artistic production, women who found in music a new way to fight, resist and seek rights, songs that start to enchant as traditional knowledge, participation in movements and experiences in community are presented in the lyrics and in the shows. From this context, we analyze the work songs present in the book entitled “Encantadeiras: quebradeiras de coco babaçu que cantam e encantam”. The songs present in the book are authored by the breakers, comrades in the struggle and other subjects linked to the Base Ecclesial Communities (CEB’s). The songs analyzed were selected by the most relevant themes within this universe, such as: struggle for land, identity, work, gender issues and the environment. We found that the work songs reflect the lives of these women, the songs address situations that happen in daily life, express the struggle in defense of the preservation of palm trees and free access to babassu palms, the search for health and education rights, the valuation of work both in extractivism and in agriculture, they address the issue of gender and traditional knowledge. Through songs, the enchanters have been building symbolic ways to resist everything that threatens the way of life of traditional peoples and communities.

Keywords: Coconut breakers. Encantadeiras. Working songs. MIQCB. ASSEMA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 AS ENCANTADEIRAS CANTAM E ENCANTAM.....	16
1.1 “O sonho se concretizou”: trajetória de sucesso das Encantadeiras	18
1.2 “Participando sem medo de ser mulher”: protagonismo das Encantadeiras.....	22
2 LUTA PELA TERRA E TRABALHO NAS CANÇÕES DAS ENCANTADEIRAS.....	28
2.1 “Agora vamos pra luta”	28
2.2 O tema trabalho nas canções.....	37
3 IDENTIDADE, GÊNERO E MEIO AMBIENTE.....	42
3.1 “Eu sou quebradeira”: identidade coletiva.....	42
3.2 “Sem medo de ser mulher”: a questão de gênero nas canções	46
3.3 “Não devore os palmeirais”: meio ambiente e “Babaçu Livre”.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	59

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em apresentar as canções das Encantadeiras, grupo formado em 2004 por mulheres quebradeiras de coco babaçu, com o apoio do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) e da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (ASSEMA). O grupo canta e encanta com temas que abordam o processo de mobilização e participação das mulheres quebradeiras de coco babaçu nos movimentos sociais, travando discussões acerca do processo de luta pela terra, acesso aos babaçuais e valorização do trabalho extrativista do babaçu.

As mobilizações camponesas em áreas de ocorrência dos babaçuais que levaram a uma organização política dessas mulheres ocorreram no final da década de 1980 e início dos anos 1990, momento marcado por conflitos no campo pela posse e uso da terra. Essas mobilizações, como aponta Almeida (1995), são entendidas como a luta pelo livre acesso à terra e à preservação dos babaçuais, criando assim uma identidade coletiva de “quebradeiras de coco”. Para Barbosa (2007) a identidade de *quebradeiras de coco* foi construída em meio a experiências de mulheres extrativistas e outros trabalhadores rurais que não necessariamente chegaram a se inserir em movimentos sociais.

A primeira forma de organização das quebradeiras de coco babaçu aconteceu dentro das próprias comunidades, com clubes de mães, reuniões nas comunidades rurais, um espaço de diálogos e tomadas de decisões e, por vezes de diversão (MIQCB, 2013). Assim, unidas pelos mesmos propósitos, de luta pela posse da terra e defesa do meio ambiente, organizaram-se em um movimento denominado inicialmente AMQCB (Articulação de Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu), o qual foi denominado MIQCB, em 1995, e institucionalizado em 2002 (BARBOSA, 2013, p. 15).

O MIQCB abrange quatro estados brasileiros – Pará, Maranhão, Tocantins e Piauí. Desses estados, no Maranhão, além do MIQCB, as quebradeiras de coco estão organizadas em associações e cooperativas, contando também com o apoio de entidades e organizações específicas, sejam de assessoria ou dirigidas por técnicos, como é o caso da ASSEMA (ANDRADE, 2005).

Neste mesmo cenário cujo histórico é de mobilização no campo surgiu, anos mais tarde, o grupo das Encantadeiras, constituído por mulheres engajadas no MIQCB e na ASSEMA. O grupo foi formado por oito¹ mulheres que, desde a infância, trabalhavam na quebra do coco

¹ Atualmente, somente sete mulheres participam de apresentações a nível nacional e em turnês coordenadas por projetos como: “TALENTOS”; “FEST SESI”; “SONORA BRASIL”, entre outros.

babaçu e hoje são grandes lideranças na defesa e valorização do trabalho das quebradeiras de coco, na preservação e na garantia de acesso às áreas de ocorrência da palmeira de babaçu (RODRIGUES, 2015, p. 41). As representantes do grupo são Francisca Rodrigues dos Santos, de Esperantina (PI); Francisca Silene Moraes, Maria das Dores V. Lima e Sebastiana F. Costa e Silva, moradoras de Lago do Junco (MA); Maria Nice Machado Aires, residente em Penalva (MA); Raimunda Nonata Rodrigues, de São Miguel (TO); Iracema V. Felix, de São Domingos do Araguaia (PA); Maria de Jesus F. Bringelo, antiga moradora de São Luís Gonzaga (MA), já falecida.

A primeira apresentação oficial enquanto grupo aconteceu em Brasília-DF, em 2004. A partir de então, sucessivas apresentações foram realizadas em vários estados do Brasil, através de projetos como “Talentos”, apoiado pelo Banco do Brasil e pela Lume Arte; “Sonora Brasil”, circuito 2015-2016 com o apoio do Sesc (AS ENCANTADEIRAS, 2014). Além disso, essas mulheres cantam e encantam nos seus encontros interestaduais e municipais, tornando mais alegres os momentos de luta e de troca de saberes.

Algumas músicas de protesto cantadas durante os encontros e reuniões do MIQCB apresentam forte influência do catolicismo. Muitas delas são semelhantes aos cânticos entoados nas pastorais católicas e têm o mesmo ritmo, diferindo, em alguns casos, nas letras que são criadas em consonância com as experiências dos trabalhadores rurais na luta pela terra e pela preservação dos babaçuais, na reivindicação de políticas públicas, nos protestos a medidas estatais e na busca de cidadania (BARBOSA, 2007, p.79)

As músicas são composições das próprias quebradeiras de coco, também por homens companheiros de luta, outras são de domínio público. As canções estão relacionadas a vários temas que envolvem o contexto social dessas mulheres, à valorização do trabalho, à luta pelo direito de acesso a terra e aos babaçuais, questões de gênero, participação da mulher na política, sobre saúde, meio ambiente, entre outros. A prática dos cantos durante a quebra do coco e na caminhada para os babaçuais é bastante comum entre as quebradeiras e reflete uma experiência de momentos vividos desde a infância, quando, normalmente, acompanhavam mães e avós nas atividades diárias (RODRIGUES, 2015).

No Brasil, embora sejam encontradas menções a cantos de trabalho nos primeiros séculos da colonização, foi apenas no final do século XIX que eles passaram a fazer parte do elenco de temas abordados pelos estudiosos ligados ao campo do folclore e da cultura popular (FONSECA, 2015).

Os estudos relacionados à cultura no âmbito da Antropologia revolucionam esse conceito de cultura entendida como um conjunto de fatos sociais e passam a ver cultura como

todo um sistema simbólico em constante estado de transformação, que anima práticas sociais e revela diferentes formas de apropriação e transformação (FONSECA, 2015).

As relações entre música e trabalho ocorrem geralmente quando determinados grupos ou comunidades se organizam para desenvolver uma atividade colaborativa.

Trabalho e música configuram-se como poderosos elementos de conagração, erigindo contextos sociais, reafirmando laços de amizade e de compadrio e estreitando a cumplicidade entre os envolvidos. Essa associação é algo que ocorre em diversos lugares do mundo, sendo mais comumente encontrada em ambientes rurais, em atos como pescar, arar a terra, plantar, colher e tratar seus frutos, cuidar das criações, enfim, práticas do dia a dia que ritualizam os ciclos sociais de construção e reconstrução da vida (FONSECA, 2015, p.15)

As Encantadeiras são um exemplo claro dessa relação trabalho/música, ao passo que usam e se apropriam de suas canções para tornar suas atividades diárias mais alegres, para demonstrar que a atividade da quebra do coco é prazerosa, para se reafirmarem em seus territórios na luta por seus direitos pela sobrevivência e reprodução familiar.

Para melhor entendimento dessas canções, faz-se necessária uma abordagem do contexto histórico de luta, organização, mobilização e conquistas dessas mulheres nos movimentos sociais em que atuam, seja no MIQCB, ASSEMA, AMTR (Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais), cooperativas de produtores agroextrativistas, sindicatos rurais e outros.

Falar sobre as quebradeiras de coco babaçu e seus modos de vida envolve mostrar uma realidade complexa, repleta de dificuldades, mas também com muita poesia, lutas, conquistas e desafios (SILVA; NAPOLITANO; BASTOS, 2016 p.9). Mas, antes mesmo de fazer qualquer abordagem sobre as quebradeiras de coco, é necessário falar sobre aquela que é considerada por muitas mulheres como uma “Mãe Palmeira”, fazendo referência à palmeira de babaçu.

A expressão “mãe” usada pelas mulheres está associada ao ciclo reprodutivo da mulher, num entendimento que, assim como as mulheres, a palmeira também tem o ciclo de nascer, crescer, dar frutos, envelhecer e tornar-se improdutiva. A outra explicação é que dela pode-se aproveitar praticamente tudo: frutos, folhas, estipe (caule) e raízes. Cada uma dessas partes apresenta uma infinidade de usos e produtos possíveis de serem fabricados e que servem como remédio, alimento, matéria prima para construção e movelaria, artesanato, indústria de cosméticos, produção de biodiesel, dentre muitos outros (SILVA; NAPOLITANO; BASTOS, 2016, p.17).

A palmeira do babaçu (*Attalea Speciosa*) é característica de uma cobertura florestal secundária, registrada em vários estados do Brasil como Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás sudeste do Pará, Piauí, Tocantins e Maranhão (ANDRADE, 2005).

Segundo Barbosa (2007), “o babaçu é um elemento a partir da qual as quebradeiras de coco se auto identificam e constroem sentimentalidades. Produções artísticas e culturais são reveladoras não somente na militância política dessas extrativistas, mas também de seu universo simbólico” (BARBOSA, 2007, p. 52). As canções e os repertórios dessas mulheres demonstram que estão relacionadas à luta política e a reivindicações das situações vivenciadas nos mais diversos aspectos da vida social.

AGORA VAMOS PARA LUTA

Agora nós vamos pra luta
 A terra que é nossa ficar
 A terra é para quem trabalha
 A história não falha, nós vamos ganhar
 (refrão) Já chega de tanto sofrer!
 Já chega de tanto esperar
 A luta vai ser tão difícil
 Na lei ou na marra nós vamos ganhar!
 Quem gosta de nós somos nós
 E aqueles que nos vem ajudar
 Por isso confie em quem luta,
 Que a história não falha nós vamos ganhar!
 Se a gente sofrer nesta luta,
 O sangue será a semente.
 A justiça vamos conquistar,
 A história não falha nós vamos ganhar!
 O povo que sabe o que quer
 Caminha pra na terra ficar.
 Pois a terra é pra quem trabalha
 A história não falha nós vamos ganhar!
 Já soma uns trinta milhões,
 O povo sem terra e sem pão.
 O jeito é lutar por nosso chão
 Porque a história não falha nós vamos ganhar
 (CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p.12)

A canção acima apresenta uma das primeiras discussões que envolvem a criação e participação das mulheres em movimentos sociais: a luta pelo direito a terra. Os conflitos pelo acesso à terra se agravaram nos anos 1980 na região dos cocais, é o que aponta Andrade (1998). Nessa época, os proprietários passaram a derrubar as palmeiras, inicialmente com machado e, depois, com máquinas. As quebradeiras de coco denominam esse período como o “tempo do coco preso”, como afirma Andrade (2007, p. 446):

Toda vez que solicitamos a essas mulheres – e em geral o fazemos às ocupantes de posições de destaque, hoje, no *movimento das quebradeiras* – para discorrerem sobre as lutas que as levaram à conquista da terra e dos babaçuais, elas remontam ao tempo em que o acesso aos babaçuais e, portanto, a extração do babaçu deixou de ser livre. Toda vez que lhes pedimos para comentar sobre o processo que as levou a se livrar dos atravessadores, a controlar o beneficiamento das amêndoas, a comercialização e, até mesmo, a exportação do óleo para o mercado internacional, as narrativas remontam ao denominado *tempo do coco preso*.

Partindo do mesmo pensamento, Viviane Barbosa (2007) afirma que o “tempo do coco preso” foi um momento em que as famílias rurais ficaram sujeitas a manipulações econômico-comerciais de fazendeiros, sendo obrigadas a vender o coco ou trocá-lo por alimentos nas próprias fazendas. Com base nessas medidas, as mulheres eram obrigadas a pagar uma “renda” com parte de sua produção extrativista. Além disso, essas ações se processam em meio à promulgação da Lei Sarney de Terras (Nº 2.979), que operava como dispositivo para privatizar terras públicas do estado e promover a expansão do agronegócio.

Na região do Médio Mearim, nos anos 1990, as mulheres reagiam à expropriação dos fazendeiros, por meio de ações coletivas de resistência, como empates², e iniciaram um processo de organização coletiva, acionando a identidade política de quebradeira de coco (ARAÚJO, 2013, p. 142-143). Esse processo de organização inclui maneiras de tornar efetivas juridicamente as inquietações em relação a derrubada das palmeiras, ao uso do agrotóxico, queimadas e ao livre acesso aos babaçuais (ARAÚJO, 2013).

Como aponta Shiraishi Neto (2006), a ideia do “babaçu livre” é uma discussão travada desde os primeiros encontros de quebradeiras de coco no final dos anos 1980, resultando na elaboração de Projeto de lei nº 1.428, apresentado em 1996 à Câmara dos Deputados. O projeto consistia em garantir o livre acesso e uso das palmeiras e em garantir a proibição das derrubadas de palmeira de coco babaçu.

No entanto, esse projeto foi arquivado e só houve “a primeira experiência de aprovação da lei do “Babaçu livre” no município de Lago do Junco, no Estado do Maranhão, que serviu como motivação para as quebradeiras de outros municípios se mobilizarem em torno da elaboração e apresentação de projetos semelhantes (SHIRAISHI NETO, 2006, p. 25).

A lei “Babaçu Livre” (nº 005/1997) dispõe sobre a proibição da derrubada de palmeiras no município de Lago do Junco no Estado do Maranhão. Em 2002, as mulheres quebradeiras

² O termo empate está relacionado aos processos de resistências ocorridas no Médio Mearim. Consultar FIGUEIREDO (1998, 2005)

de coco resolveram aperfeiçoar o projeto de lei apresentando-o à Câmara Municipal, Lei nº 01/2002 (SHIRAISHI, 2006).

Xote das quebradeiras de coco
 Hei! Não derrube esta palmeira!
 Hei! Não devore os palmeirais.
 Tu já sabes que não pode derrubar,
 Precisamos preservar as riquezas naturais!
 O coco é para nós grande riqueza,
 É obra da natureza,
 Ninguém vai dizer que não.
 Porque da palha se faz casa pra morar,
 Já é um jeito de ajudar a maior população. [...]
 (ENCANTADEIRAS, 2014, p. 8)

De maneira geral, a “Lei babaçu Livre” é uma conquista dos movimentos sociais das quebradeiras de coco e não se restringe apenas ao livre acesso do babaçu e a proibição das derrubadas, pois também busca coibir a utilização de agrotóxicos nas áreas de babaçuais, as queimadas, corte dos cachos, e apresenta medidas de proteção ao babaçu e às quebradeiras de coco.

É importante ressaltar que o Maranhão é considerado um dos estados com maior ocorrência de babaçu, no entanto, não dispõe de lei estadual específica sobre o Babaçu Livre, apenas leis referentes à proteção das palmeiras e ao meio ambiente, a exemplo da Lei Estadual nº 4.734 de 18 de junho de 1986³, que proíbe a derrubada das palmeiras, e da Lei nº 5.405 de 8 de abril de 1992⁴, denominada Código de Proteção do Meio Ambiente do Estado do Maranhão.

As quebradeiras de coco babaçu fazem suas reivindicações em audiências públicas em assembleias legislativas e no Congresso Nacional, além de audiências com setores específicos dos governos estaduais (ARAÚJO, 2013, p. 143). As principais estratégias de mobilização dessas mulheres são organização de encontros de formação interestaduais e municipais, momentos marcados pela troca de saberes das comunidades tradicionais, de debates políticos e ambientais.

O MIQCB tem um papel crucial no processo de organização, mobilização e conquistas das quebradeiras de coco, cumprindo, assim, sua “missão de organizá-las para conhecerem e lutarem por seus direitos, defenderem a palmeira e o meio ambiente e lutarem por melhores condições de vida” (SILVA; NAPOLITANO; BASTOS, 2016). Desse modo, o MIQCB e a

³ A lei proíbe a derrubada da palmeira e dá outras providências. Ver ALMEIDA (2019, p. 305).

⁴ Esta lei é denominada Código de Proteção do Meio do estado do Maranhão. Consultar ALMEIDA; SHIRAISHI NETO; MESQUITA (2001).

ASSEMA, com suas formas de mobilização vêm, ao longo dos anos, promovendo um diálogo entre as dimensões ambientais, econômicas, políticas e sociais, promovendo uma articulação entre saberes e tornando plurais suas relações (ARAÚJO, 2013).

A Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (ASSEMA) também tem contribuído para o fortalecimento das lutas das quebradeiras de coco e produtores agroextrativistas. Fundada nos finais dos anos 1990, a ASSEMA nasceu com o propósito de apoiar trabalhadores rurais e quebradeiras de coco babaçu na produção econômica, especialmente voltando-se para o cooperativismo e associativismo, de fortalecimento das famílias para o acesso aos direitos de cidadania e políticas agrárias, tendo como pano de fundo, as relações de gênero, geração e etnia (ARAÚJO, 2013, p.140)

Desse modo, a ASSEMA desempenha um papel importante no fortalecimento e na geração de renda das quebradeiras de coco babaçu. Algumas das cooperativas ligadas a essas trabalhadoras são a Cooperativa de Pequenos Produtores (as) Agroextrativistas de Lago do Junco (COPPALJ), com a produção de óleo orgânico de babaçu, e a Cooperativa de Produtores Agroextrativistas de Esperantinópolis (COOPAESP), produtora de farinha de mesocarpo de babaçu. Referente a processos comerciais associativistas, temos: a Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues (AMTR), que produz sabonetes de babaçu, e a Associação de Jovens Rurais de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues (AJR), que trabalha na confecção de bijuterias e artesanato utilizando o babaçu. Vale ressaltar que esses são exemplos de processos comerciais no Maranhão, mas há outros nas áreas de atuação do MIQCB no estado.

Este trabalho consiste em uma análise das canções do grupo “Encantadeiras”, portanto, utilizei como principal fonte de pesquisa o livro Cantos e Encantos, elaborado pelas próprias integrantes do grupo musical, com apoio de parceiros. Dessa forma, o trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro – As Encantadeiras Cantam e Encantam – será abordado como se deu o processo de formação do grupo musical “Encantadeiras”, qual foi a finalidade dessa formação, o conteúdo que as canções abordam, dando ênfase à trajetória musical e de vida de cada uma das oito mulheres.

O segundo capítulo – Luta pela Terra e Trabalho nas Canções das Encantadeiras – consiste em analisar as canções do repertório relacionadas ao processo de luta pela terra enfrentado pelas quebradeiras de coco e trabalhadores rurais que estão dentro do raio de atuação do MIQCB e como a questão do trabalho é abordado nas músicas.

No terceiro capítulo – Identidade, Gênero e Meio Ambiente – serão examinadas as canções relacionadas ao processo de criação de uma identidade coletiva, como a questão de

gênero e meio ambiente são abordadas nas canções, já que são temáticas importantes trabalhadas dentro do movimento das quebradeiras de coco.

1 AS ENCANTADEIRAS CANTAM E ENCANTAM

Neste capítulo será abordado como se deu o processo de formação do grupo musical “Encantadeiras”, a importância que os cantos representam para as mulheres e para o movimento no qual participam, o conteúdo que as canções abordam, dando ênfase para a trajetória musical e de vida de cada uma das oito mulheres.

O nosso encontro é pra lá de bom,
São as mulheres que comandam o tom,
Reúne aqui, reuni acolá,
A nossa história vai ter que mudar.
(CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 29)

O trecho da canção acima demonstra a partir de onde surgiram os cantos de luta, que traduzem suas cotidianidades através da música, são vozes ecoando pela preservação do meio ambiente, pelo livre acesso aos babaçuais, pela valorização dos seus trabalhos, pela questão de gênero, pelo bem viver de todos, etc. Os encontros de mobilização das mulheres quebradeiras de coco babaçu são momentos marcados por pautas reivindicatórias, mas também momentos simbólicos de apresentação cultural, musicalidade e alegrias.



Figura 1: Grupo das Encantadeiras- Raimunda Nonata Rodrigues, Sebastiana F. Costa e Silva, Maria Nice M. Aires, Iracema V. Felix, Francisca Silene Moraes, Maria das Dores V. Lima, Francisca Rodrigues dos Santos, Maria de Jesus F. Bringelo

Fonte: Arquivo de imagens do MIQCB

Conforme destaca Fonseca (2015, p. 12):

Rituais, celebrações, festividades e eventos sociais demarcam os dias, meses e anos, assumindo um papel fundamental na construção de sentimentos comunitários, moldando identidades locais através dos momentos de trabalho conjunto, do lazer ou de “brincadeiras”, articulando formação, informação e participação social.

De acordo com o autor, a diversidade existente nas formas de organização social do trabalho é reconhecida a partir de uma construção coletiva, onde a interação e os laços de afetividade são refletidos por meio das atividades exercidas cotidianamente.

As Encantadeiras são mulheres quebradeiras de coco articuladas em movimentos sociais, como MIQCB, ASSEMA, AMTR, STTR's, e são um exemplo na construção de uma identidade coletiva. O grupo foi constituído inicialmente por 8 mulheres de diferentes Estados: Francisca Rodrigues dos Santos, de Esperantina (PI); Francisca Silene Moraes, Maria das Dores V. Lima e Sebastiana F. Costa e Silva, naturais de Lago do Junco (MA); Maria Nice Machado Aires, residente em Penalva (MA); Raimunda Nonata Rodrigues, de São Miguel (TO); Iracema V. Felix, de São Domingos do Araguaia (PA); e Maria de Jesus F. Bringelo, antiga moradora de São Luís Gonzaga (MA), falecida em 2018.

O grupo foi oficialmente criado em 2004 com o apoio do MIQCB e da ASSEMA, mas as canções fazem parte do cotidiano dessas mulheres desde a infância, passada por pais e avós e geralmente são cantadas nos momentos de trabalho na roça, na coleta e na quebra do coco. Essa relação entre música e trabalho, embora seja algo que aconteça em vários lugares, é mais comum em ambiente rurais, em atos como pescar, plantar, colher, isto é, práticas do dia a dia que ritualizam os ciclos sociais de construção, destruição e reconstrução da vida (FONSECA, 2015, p. 41).

Dona Francisca Rodrigues dos Santos (Chica Lera), que é uma das Encantadeiras do Piauí, narra quando e como iniciou a formação do grupo musical.

Cada um tem um dom. Esse negócio surgiu em São Luís, que é pai da coisa, foi onde surgiu o movimento. E o pai das Encantadeiras. Eu não sei dizer como surgiu. Mas teve aquele projeto da Fundação Banco do Brasil, que era para a cultura e já juntava um bocado de coisas. Nessa época, a Fundação Banco do Brasil foi juntar os talentos de cada pessoa e de cada grupo. Foi através desse projeto que a gente entrou nessa coisa. A gente tinha cachê. Nos já cantávamos as músicas nos eventos, nos encontros. Quando tinha os encontros em Imperatriz, juntava eu, a Moça, a Silene, a Dôra, a Dijé, a Querobina, a Nice, a dona Raimunda do Tocantins. A música *Hei não derruba essas palmeiras* vem da dona Raimunda do Tocantins. Então a gente se juntava e cantava essas músicas (SANTOS, 2019, p. 98.).

Como pontua dona Francisca Rodrigues (Chica Lera), a formação do grupo musical “As Encantadeiras” foi amadurecido a partir de projetos de incentivo à cultura, como é caso do Fundação Banco do Brasil, no entanto, o grupo já era formado dentro próprio movimento, dona Chica e as outras encantadeiras se uniam nos eventos para cantar.

1.1 “O sonho se concretizou”: trajetória de sucesso das Encantadeiras

Com 17 anos de carreira, desde a data de criação oficial em 2004, o grupo musical vem de uma trajetória de grandes conquistas. O livro de cantos “As Encantadeiras: quebradeiras de coco que cantam e encantam”, divulgado em 2014 e elaborado com apoio da ASSEMA, MIQCB, AMTR, UFPA e UEM, detalha um pouco dessa trajetória do grupo, destacando-a como exemplo de uma grande conquista.

SAMBA DAS QUEBRADEIRAS

Amanheceu, raiou o dia
 Quanta batalha aqui já se travou
 Morreram agricultores e latifundiários
 Quanta falta de amor!
 A luta continuou, o projeto assim nasceu
 E o sonho se concretizou.

Sou quebradeira eu sou, quebrando o coco eu vou.
 Sou quebradeira do interior (2x)

Palmeiras! Babaçuais!
 Terra fértil, olha a riqueza no chão.
 Folhas verdes, oh que maravilha.
 A natureza traz o fruto, a perfeição
 Senhoras guerreiras, vão a luta, custear alimentação
 O comercio e a indústria,
 Exportadores das exportações
 Nosso produto assim chegou em outras nações.

Eu vou gargalhar, eu estou feliz!
 Nossa matéria prima circulando no país. (2x)

Quebra, quebra, quebradeira! Quero ver quebrar.
 Os liberais trazem o dito popular:
 Quebra, quebra, quebradeira! Quero ver quebrar,
 Viemos para a avenida com meu bloco festejar.
 (CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 27)

A canção “Samba das Quebradeiras” faz um resgate de acontecimentos marcantes vividos por essas mulheres e que hoje são motivo de alegria e orgulho. A música deu início ao

grupo musical “Encantadeiras”. Com o bloco chamado “Os liberais” elas apresentaram-se no desfile de carnaval de 2005, em São Luís do Maranhão. Entre os meses de maio e junho também em 2005, através do Projeto “Talentos”, apoiado pelo Banco do Brasil e pela Lume Arte, o grupo passou a realizar diversas apresentações em diferentes estados, como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, o grupo ainda contava com a participação de outros artistas, como a da cantora de hip-hop, Nega Gizza.

Em 2006, as mulheres encantaram durante a cerimônia de entrega do prêmio Objetivos para o Desenvolvimento do Milênio, no palácio do Planalto, pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. O MIQCB foi uma das organizações premiadas na ocasião.

No ano de 2007, as Encantadeiras se apresentaram no Teatro Yara Amaral do SESI, no 3º FEST SESI, com a temática: “O trabalhador e a Cultura Popular”. Além disso, as mulheres receberam o prêmio Margarida Alves promovido pela Diretoria de Políticas para as Mulheres do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Em 2008, o grupo musical se apresentou no Encontro Mundial de Comunidade de Alimento, em Turim, na Itália, com o apoio da organização Terra Madre e contando com a participação de outros artistas e grupos musicais. Em se tratando de outros artistas, as Encantadeiras também já dividiram o palco com os cantores e compositores Zeca Baleiro, natural de Pedreiras-MA, e Lenine, de Recife-PE.

Durante o VI Encontro das Quebradeiras de Coco, em São Luís, as mulheres realizaram algumas apresentações no Hotel Praia Mar e no Projeto Reviver. Já em 2010 se apresentaram no Simpósio Internacional sobre Conhecimento Tradicional, em Manaus.

Em 2011, as Encantadeiras foram encantar em Belém, dessa vez na Universidade Federal do Pará (UFPA). A professora da UFPA, Dra. Noemi Porro é uma grande apoiadora dos movimentos sociais e, também, contribuiu com a formação do grupo musical. No ano seguinte, em 2012, as mulheres apresentaram-se em Brasília, no auditório Juscelino Kubitschek.

O ano de 2014 foi bem marcante para o grupo, pois lançaram o livro de cantos, o qual constitui a fonte central desta pesquisa. Juntamente com a divulgação do livro, as mulheres gravaram um CD por meio da gravadora JC Studio que conta com 13 faixas selecionadas a partir do livro de cantos.

Nos anos de 2015 e 2016, o grupo musical alcançou seu auge, pois através do Projeto Sonora Brasil, apoiado pelo SESC, as Encantadeiras puderam levar seus cantos num circuito nacional, realizando diversas apresentações em diferentes estados e municípios do Brasil. Em 2015, com o tema *Cantos de Trabalho*, as mulheres percorreram pelos estados das regiões

Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Já o segundo circuito aconteceu em 2016 com a temática *Violas Brasileiras*, encerrando o circuito nas regiões Sul e Sudeste.

Em 2020, as Encantadeiras deram um show na televisão, mas, dessa vez, em forma de documentário. O mesmo acompanha a turnê do grupo musical e chama-se “Encantadeiras: O Canto e Encanto das quebradeiras de coco”, com direção geral de Betse de Paula e edição de Livia Goulart.

Assim, o grupo musical foi ao longo dos anos se consolidando cada vez mais. As vozes foram formando um grande coro pelas reivindicações de direitos pensados para o bem coletivo, dando voz a todas as famílias de quebradeiras de coco, de pescadores, agricultores, indígenas e quilombolas.

De acordo com dona Francisca (2019), o nome artístico do grupo foi pensado porque quando se canta as músicas nos lugares as pessoas ficam animadas, daí “As Encantadeiras” cantam e encantam”. Encantam porque suas canções relatam e refletem as vivências do cotidiano das mulheres quebradeiras de coco babaçu.

As canções são carregadas de memórias e traduzem suas vivências coletivas. A música é uma forma de protestar e as letras estão relacionadas a vários temas que envolvem o contexto social dessas mulheres, a valorização do trabalho, a luta pelo direito de acesso à terra e aos babaçuais, questões de gênero, participação da mulher na política, sobre saúde, meio ambiente. Muitas canções foram criadas como enredo de blocos de carnaval de rua, a exemplo da música *Ó Liberdade*, de autoria de Nasira Pereira da Silva, moradora da comunidade Ludovico.

Além disso, o repertório do grupo é formado por sambas, xotes, maracatus e baião e as canções são normalmente composições de quebradeiras de coco babaçu, apesar de que outras são de autores desconhecidos, jovens apoiadores⁵, e também músicas das Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s). É importante destacar que as apresentações musicais são realizadas pelas Encantadeiras, mas, às vezes, elas contam com a participação de homens nos instrumentos. No violão é Chico Nô, na percussão Washington Totó, e na sanfona é o Pedrinho Vila Nova.

As canções de trabalho exercem um papel importante para as mulheres quebradeiras de coco por fazerem parte de seu cotidiano e são um registro histórico que perpassa gerações.

[...] Isso ajuda o movimento. Eu digo “você têm que arrumar um grupo aqui para Esperantina, para quando tiver eventos. Só querem que eu vá cantar. Quero que vocês aprendam. Estão com muitos anos no sindicato, no

⁵ Jailson Sousa, da comunidade Cajazeiras no município de Lago do Junco-MA, ex-integrante da Associação de Jovens Rurais (AJR), autor da música que homenageia a associação com o nome “Você sabe o que é a AMTR?”.

movimento e meninas, que diacho foi que vocês aprenderam? Os anos que estou nessa caminhada junto com vocês, cantando junto com vocês e vocês ainda não aprenderam. E se eu tiver no meio, vocês não cantam por quê?” Às vezes me chamam, mas eu digo: “deixa para as novas. Eu já me garanti, mas hoje não me garanto mais muito não (risos)”. (SANTOS, 2019, p. 99)

O depoimento da Encantadeira Francisca Rodrigues (Chica Lera) ressalta a importância da música para o movimento, e o desejo de que as novas gerações aprendam o ofício e levem adiante o legado de lutas e conquistas.

Outro fator importante das canções é que elas podem ser consideradas como uma espécie de marketing de divulgação, tanto das ações como dos trabalhos desenvolvidos pelas quebradeiras de coco babaçu. “Como o grupo é composto por oito mulheres, as três da região do Médio Mearim fazem exposição das organizações da região como: ASSEMA, COPPALJ e AMTR. As demais quebradeiras falam do trabalho do MIQCB e suas regionais” (SILVA, 2018, p. 131). Cada Encantadeira divulga seus trabalhos realizados em suas regiões, é o que relata Dona Sebastiana (Moça):

Nós daqui de Lago do Junco, cada uma leva duas caixas de sabonetes. E a gente vende tudinho. No intervalo de uma música e outra, uma vai falar. Eu e a comadre Dora (Maria das Dores), *falamos como é feito o sabonete, o que ele representa, quantas mulheres fazem parte e tudo que aconteceu para chegar nesse produto. É engraçado, porque o nosso produto é bom, mas a nossa história também ajuda a vender ele. A Nice apresenta o sabonete que elas fazem na Baixada e ele é um pouco diferente do nosso. A Dijé e as outras falam do azeite e do mesocarpo. Mas falamos também da palha, do artesanato, do carvão, a gente só não leva, né? Falamos de tudo que a palmeira dar. Porque falamos daquilo que é nosso e do que nós conhecemos* (Sebastiana Ferreira da Silva apud SILVA 2019, p. 131).

De acordo com o depoimento é possível observar que as Encantadeiras têm um modo próprio de organizar-se, de tal maneira que costumam dividir responsabilidades entre si. Com os produtos provenientes do babaçu as mulheres agregam valor por meio de suas histórias de vida, e o show vai para além dos palcos.

As apresentações musicais são organizadas pelas próprias mulheres, não tem produtor, nem figurinista, elas é que definem a metodologia de trabalho, desde a escolha das canções, os ensaios, o figurino. É um trabalho coletivo que culmina em uma troca de saberes. Dona Moça explica como acontece essa dinâmica:

Eu digo que nós têm que ensaiar, nós sabe fazer mas também nós tem que se preparar também, a gente senta em roda e canta junto, às vezes em uma música só uma faz a estrofe e as outras cantam o refrão, isso quando a gente não tem muita segurança de cantar igual, a gente faz isso, mas, na maioria das vezes é

tudo coletivo assim. Eu já sou acostumada com o coletivo, sou de uma associação de mulher e de uma cooperativa, então o coletivo pra mim é muito importante, é assim, quando nós vamos juntas a gente compartilha as coisas como tem pessoas de regiões diferentes, a gente repassa aquilo tudo juntas, não é só o meu o dela, mas é uma coisa junta. Então, pra nós representa o trabalho de trezentas mil quebradeiras de coco, então não é só nós do Mearim, nós estamos representando essas trezentas mil quebradeiras do Maranhão” (Moça apud ASSIS, 2009, p. 71-72)

A noção de coletividade citada pela Encantadeira é abordada nas canções. Através da música compartilham suas experiências e reforçam suas identidades. São mulheres de regiões diferentes, mas com objetivos comuns, por isso, seguem pelo país afora cantando e encantando com suas histórias.

A escolha do repertório não segue um padrão e normalmente é feita mediante as ocasiões e situações específicas onde as apresentações são realizadas, por exemplo, na Marcha das Margaridas, as mulheres costumam cantar canções relacionadas à questão de gênero, à valorização do trabalho e músicas que está atrelada à reivindicação de direitos. Exceto para a música “Xote das Quebradeiras” que é um protesto contra a devastação dos babaquais e é a canção de abertura dos shows.

Os figurinos usados pelas Encantadeiras, conforme mostra a figura 1, é padronizado, às vezes, o que diferencia são pequenos detalhes como cores e acessórios. As mulheres usam saias longas com tecido de chita (considerado um tecido de baixo custo) bastante colorida. Também usam blusas de mangas curtas de cores leves, branca ou amarela para harmonizar com o colorido das saias. Os acessórios enriquecem o figurino, elas usam brincos e colares artesanais, alpercatas de couro, lenços na cabeça e, principalmente, levam durante as apresentações instrumentos de trabalho como machado, cacete (porrete), pacará da palha do babaçu (usado para coletar o coco e depositar amêndoas e casca do babaçu). Todo esse figurino transmite a simplicidade no modo de viver das famílias camponesas e, ao mesmo tempo, demonstra uma riqueza cultural e de saberes tradicionais que essas mulheres carregam consigo.

1.2 “Participando sem medo de ser mulher”: protagonismo das Encantadeiras

São mulheres engajadas e comprometidas com suas comunidades e que, ao longo dos anos, vem lutando, resistindo, reconstruindo e ocupando seus espaços. São protagonistas no palco e fora deles, cada uma ao seu modo, na luta cotidiana, contribui e fortalece o movimento.

A Encantadeira Francisca Rodrigues dos Santos, mais conhecida como “Chica Lera”, nascida em Trapiá, Buriti dos Lopes, mas reside atualmente no município de Esperantina,

ambos no Estado do Piauí, é a integrante mais velha do grupo e tem trajetória marcante no processo de mobilização social, na luta em defesa da preservação do meio ambiente, dos babaçuais, pela garantia dos direitos das mulheres, dos quilombolas e pela autonomia e liberdade dos povos e comunidades tradicionais.

Dona Chica Lera participa/ou de diferentes instâncias organizativas como: a Comunidade Eclesiais de Base (CEB's), Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Esperantina (PI), Partido de Trabalhadores (PT) e está diretamente ligada ao processo de fundação do MIQCB. Cada uma dessas instâncias representa situações que levam os grupos a se organizarem socialmente e politicamente, pelo reconhecimento de uma identidade coletiva (LIMA, GAIOSO, 2019, p. 18-19).

Em 2019, com a iniciativa do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), é lançado um livro que se refere as narrativas de Chica Lera. Esse é o terceiro volume da coleção de “Narrativas das quebradeiras de coco babaçu”. Como o próprio nome já diz, os livros da coleção contam narrativas de quebradeiras de coco, privilegiando as falas através de uma linguagem autorizada e direta das próprias quebradeiras.

O livro “Chica Lera: a história dos movimentos sociais e a luta das quebradeiras de coco babaçu no Piauí” conta os feitos de dona Francisca, por meio de depoimentos, entrevistas, relatos de companheiros e da própria Chica Lera. Numa trajetória de luta fortalecida com apoio das CEB's, ela relata que começou a participar da comunidade por meio da igreja católica: “Naquele tempo eu me garantia em cântico, na voz. Na comunidade as pessoas tinham a celebração no domingo na Igreja Católica” (SANTOS, 2019, p. 35). Dessa maneira, dona Chica preparava crianças para o catecismo e eucaristia, daí as primeiras experiências em reuniões se deu através da igreja. Além disso, para dona Francisca participar do movimento dá mais ânimo e esperança de viver.

Podemos perceber que a trajetória de dona Chica Lera na música também iniciou na igreja e foi amadurecida por meio do movimento. Narrando as situações vividas por ela dá-se visibilidade a toda forma de resistência das comunidades tradicionais para continuarem em seus territórios, usufruindo de seus recursos naturais de forma livre.

Maria Nice Machado Aires é outra Encantadeira que tem seus feitos publicadas em livro da coleção de narrativas quilombolas do PNCSA, com o título “Nice Guerreira: mulher, quilombola e extrativista da floresta”, publicado em 2016. Dona Nice é nascida no município de Penalva – Maranhão, cresceu na instabilidade de não poder permanecer em seu território, sua luta é também pelo livre acesso aos recursos naturais, pela preservação ambiental, pelos saberes locais.

Defensora das comunidades quilombolas, atua em diversos municípios da Baixada Maranhense, se auto identifica como quebradeira de coco, quilombola, representa também ribeirinhos, indígenas, agricultores e é Encantadeira de música e poesia. Dona Nice está/esteve vinculada a diversos movimentos sociais: MIQCB, CPT, Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Estado do Maranhão (ACONERUQ), Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar de Penalva (SINTRAF), Federação dos Trabalhadores Rurais da Agricultura Familiar (FETRAF). Ela também contribui na construção do PNCSA (VALE et al., 2016).

É uma mulher da floresta que defende o território, incentiva e enaltece a importância da cultura e dos saberes tradicionais dos povos. É também, uma mulher presente na política, exerceu o mandato de vereadora em Penalva pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Por toda essa trajetória, dona Nice é considerada uma “mãe-palmeira” que alimenta sonhos, é uma inspiração e referência de protagonismo, de superação e resistência.

As Encantadeiras Maria das Dores Vieira Lima (Dôra), Sebastiana Ferreira da Silva (Moça) e Francisca Silene Moraes, do município de Lago do Junco, microrregião do Médio Mearim, das respectivas comunidades de São Manoel, Ludovico e Centro do Abelha. As três são quebradeiras de coco, mulheres de fibra, sócias fundadoras dos Clube de Mães, AMTR, da Fábrica de Sabonetes e Sabão que leva a marca “Babaçu Livre”, também da COPPALJ, ASSEMA, Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Lago do Junco (MA) e das Escolas Famílias Agrícolas (EFAF).

Essas mulheres, além de quebradeiras de coco trabalham com a produção de sabonetes produzidos a partir do óleo de babaçu, a unidade de produção fica localizado na comunidade de Ludovico. Como a maior parte da produção é realizada manualmente, revezam o tempo, as tarefas e as funções. Dôra, por exemplo, é quem gerencia a produção e comercialização dos produtos. Durante a produção, elas compartilham experiências, estabelecem objetivos e metas, e para tornar o ambiente de trabalho mais alegre cantam músicas de suas próprias autorias, cantos religiosos e carnavalescos (SILVA, 2019, p.142).

No município de Lago do Junco- MA, o carnaval é uma tradição bastante celebrada, o carnaval de rua com instrumentos, a maioria confeccionados manualmente pelos próprios foliões. Dôra, Moça e Silene cantam nos blocos e oportunizam o momento para protestarem através das canções, que trata sobre temas relacionadas ao meio ambiente, gênero e política. Desse modo, o carnaval tem um significado importante, pois faz parte da trajetória do grupo, desde a primeira apresentação que aconteceu em São Luís-MA, é uma cultura atrelada a uma consciência ambiental, política e social.

Raimunda Nonata Rodrigues é uma Encantadeira de São Miguel, no Tocantins. Assim como as demais Encantadeiras é quebradeira de coco, guardiã da floresta e defensora do meio ambiente. Dona Raimunda é artesã, acometida com problemas de saúde que a impede de quebrar coco, ela passou a trabalhar com a produção de artesanato a maioria deles feito com a matéria prima do babaçu, tais como abanos (um tipo de leque usado para acender fogo), colares, porta canetas, capas de almofadas, etc. (AMARAL, 2017, p. 119). De acordo com Amaral (2017), além do artesanato, ela trabalha com a produção de mesocarpo de babaçu, juntamente com outras quebradeiras construíram a Casa do Mesocarpo, no entanto, esta casa não está em funcionamento devido à falta de adequação às exigências da vigilância sanitária.

Sobre sua participação no grupo musical, Raimunda Nonata relata:

(...) eu faço parte de um encontro, de uma associação de oito mulheres que são as “Encantadeiras” já ouviu falar? Eu faço parte desse grupo e a gente está andando pelo Brasil inteiro e nós estamos falando desse babaçu. Nessa andança, nós levamos o produto, levamos o óleo, levamos sabonete, eu levo meus artesanatos, porque eu não estou mais quebrando coco. Eu não aguento sentar para quebrar coco, porque doem minhas costas. Então na idade que a gente está, e eu passei muito tempo sem quebrar, na geração das ASMUBIP a gente fica sem..... Mas eu sou quebradeira.se você quiser ver eu quebrar, eu quebro. Aí a gente sai por aí levando essa mensagem para o povo valorizar este produto. (Raimunda Nonata apud AMARAL, 2017, p. 319)

Na fala de dona Raimunda, assim como já relatado por outras Encantadeiras, os produtos fazem parte do show, são produtos rotulados com suas histórias de lutas e que tem por finalidade contribuir com o fortalecimento e a valorização das formas de trabalho exercidas pelas quebradeiras de coco.

Iracema V. Felix é quebradeira de coco e Encantadeira do município de São Domingos do Araguaia - PA. Dona Iracema é uma guardiã da floresta ligada ao MIQCB que tem contribuído muito na questão da luta em defesa dos babaçuais, as quebradeiras de coco das comunidades São Domingos do Araguaia, São João do Araguaia, Brejo Grande e Palestina (PA), que vivem ameaçadas pelo grandes projetos industriais e do agronegócio, são proibidas de acessarem o babaçu, os fazendeiros utilizam em suas propriedades cercas elétricas para impedir que elas adentrem suas propriedades. Além disso, a produção industrial de carvão a partir do coco inteiro, o uso de agrotóxico como forma de manejo são também problemas enfrentados pelas quebradeiras da região.

À frente dessa luta, dona Iracema vem denunciando, com o apoio do MIQCB, esse total desrespeito ao modo de vida dessas comunidades. Com o acesso restrito ao babaçu, a Encantadeira busca outras formas produtivas para sobreviver, umas ligadas ao babaçu, como a

produção de mesocarpo e azeite, também trabalha com a castanha do Pará, é costureira e fabrica artesanalmente pomadas caseiras feitas do cupuaçu.⁶ O canto de trabalho é outra maneira encontrada por ela para denunciar e resistir a tanto afronte ao seu modo viver.

Maria de Jesus Ferreira Bringelo (Dijé) partiu desse plano e foi encantar no céu. Quilombola, quebradeira de coco e encantadeira da região do Vale do Mearim, faleceu no ano de 2018, após um ataque fulminante do coração. Dijé é uma das fundadoras do MIQCB e da ASSEMA. De acordo com Barbosa (2007), ela afirmou em entrevista que o objetivo de fundar o MIQCB se deu no intuito de criar uma identidade de quebradeira de coco e preservar os babaquais.

De Monte Alegre, no município de São Luis Gonzaga-MA, dona Dijé lutou piamente pela liberdade do território, uma relação de amor e afeto, para ela o território é o lugar de nascer, germinar, parir, viver e morrer. Em sua comunidade viveu e plantou muitas sementes, além da luta pelo território, lutou pelo reconhecimento do saber tradicional e genético dos povos, pela valorização da cultura local, festividades religiosas de matriz africana, e outras formas de manifestações culturais como bumba- meu-boi, tambor de crioula e dança do coco (BARBOSA, 2007).

Dona Dijé é uma referência de protagonismo feminino, de luta e resistência. A sua voz era também a voz de todos os povos e comunidades tradicionais. No documentário produzido pelo programa Câmera 4 do Sistema Difusora de Comunicação, Dijé fala sobre sua trajetória:

[...] É uma responsabilidade muito grande porque eu tenho que falar não só nome das quebradeiras, mas eu tenho que falar em nome de um universo aqui que esse conselho representa, em qualquer espaço que a gente estiver, a gente não pode esquecer de falar do Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais, acho isso pra mim é fundamental e que a gente tem que lutar pra que não a haja conselho nacional só a nível federal, mas que tenha um conselho de povos e comunidade tradicionais nos estados e nos municípios, pra fortalecer essa política. Esse é o objetivo principal né! Manter, porque nosso bem viver está onde a gente vive, ne? Porque quando a gente sai de onde vive, a gente perde tudo, a gente perde nossa ancestralidade, a gente perde a nossa raiz, a gente perde tudo, e agente, e o bom mesmo é a gente ali, onde você conhece tudo, onde você conhece tudo, eu acho que isso é bem viver, e acho que nó temos essa responsabilidade de nos unificar cada vez mais, pra cada vez mais nós estarmos fortalecidos, pra defender a bandeira de luta, de terra e território (CÂMERA 4, 2018)⁷

⁶ Essas informações sobre dona Iracema foram concedidas informalmente pela Dôra, companheira do Grupo Encantadeira.

⁷ Câmera 4 é um programa do Sistema Difusora de Comunicação, que atualmente faz parte do Portal de Notícias MA 10. Cristiane Moraes e sua equipe é a responsável pela homenagem a dona Dijé, gravada em julho de 2018 e reexibido em setembro do mesmo ano, com o tema: Quebradeira de Coco Babaçu- Dona Dijé, uma mulher que não cabe em si, uma liderança, um movimento,. Disponível em: <https://www.facebook.com/MIQCBOficial/videos/1944475949187386/>. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

Uma mãe-palmeira com raízes profundas, assim é dona Dijé, uma inspiração de mulher negra, quebradeira de coco, quilombola, de um saber nato, seu legado de vida já alimentou a esperança de muita gente que deseja viver livre em seus territórios, seu exemplo de luta e resistência tem germinado na produção de muitos conhecimentos. Ela morreu, mas sua história permanece viva!

Uma Luz, uma fala mulher
Uma cor, um amor por dona Dijé.

No babaçu andou, criou, inspirou fez crescer
Dona Dijé gratidão a você.

Foi quebradeira de coco
Foi colo sagrado de humanidade
Foi uma mulher guerreira,
Partiu e deixou saudade.
Mas me preste essa resistência
Que é pra gente se proteger
Por essa gana tão sua
Quero ser igual a você.
(SIMÕES⁸)

⁸ Juliana Ferreira Simões é ex Ministra do Ministério do Meio Ambiente- MMA e tem experiência de trabalhos com os povos e comunidades tradicionais. A canção foi retirada do documentário: Quebradeira de Coco Babaçu- Dona Dijé, uma mulher que não cabe em si, uma liderança, um movimento. Disponível em: <https://www.facebook.com/MIQCBOficial/videos/1944475949187386/>. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

2 LUTA PELA TERRA E TRABALHO NAS CANÇÕES DAS ENCANTADEIRAS

Este capítulo consiste em analisar canções produzidas ou que faça parte do repertório do grupo “Encantadeiras”, mulheres quebradeiras de coco babaçu que utilizam a música para expressar o valor do seu trabalho, tanto no extrativismo como na agricultura, também questões sobre a luta pela terra.

2.1 “Agora vamos para a luta”

AGORA VAMOS PRA LUTA

Agora nós vamos pra luta,
A terra é nossa ocupar. /
A terra é para quem trabalha,
A história não falha,
Nós vamos ganhar!

Refrão: Já chega de tanto sofrer! /
Já chega de tanto esperar!
A luta vai ser tão difícil,
Na lei ou na marra, nós vamos ganhar!

Quem gosta de nós somos nós
E aqueles que nos vem ajudar.
Por isso confie em quem luta
Que a história não falha nós vamos ganhar!

Se a gente sofrer nesta luta
O sangue será a semente,
A justiça vamos conquistar
A história não falha nós vamos ganhar

O povo que sabe o que quer
Caminha pra na terra ficar.
Pois a terra é pra quem trabalha,
A história não falha nós vamos ganhar!

Já soma uns trinta milhões,
O povo sem terra e sem pão.
O jeito é lutar por nosso chão
Porque a história não falha nós vamos ganhar
(CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 12)

Nesta canção o próprio título, “Agora vamos pra luta”, nos remete a um diálogo coletivo, pois o verbo ir, neste caso, é conjugado no presente indicativo na terceira pessoa do plural, isto é, “nós vamos”. O nós fica subentendido na expressão, assim, não é possível identificar se os personagens que trata a música são somente mulheres ou mulheres e homens. Além disso, a

frase nos faz pensar em um rompimento de uma situação de aprisionamento, rumo a uma busca por liberdade.

Já na primeira estrofe é possível perceber a que se refere o termo “luta” presente na canção, neste caso, a luta é por terra. Na segunda frase: “a terra é nossa ocupar”. E a estrofe continua “a terra é para quem trabalha”, o que reforça a ideia de que essas pessoas estão sendo privadas do acesso à terra para trabalhar.

No refrão da música é nítido o desejo de liberdade, quanto a uma situação que gera angústias e sofrimento, na certeza de que essa transição é difícil, mas que pode ser superada. O último verso da estrofe diz “na lei ou na marra, nós vamos ganhar!”. Nesta expressão a vontade de pertencimento a um pedaço de chão para trabalhar é tão forte e marcante, que cogitam a possibilidade de seguir por meios não legais para conquistar o que desejam. A expressão “marra” neste caso significa utilizar a força física, corporal para alcançar determinado objetivo.

Na segunda estrofe, “quem gosta de nós somos nós”, podemos observar que o compositor(a) faz uma certa distinção de pessoas ou grupos que estejam engajados em contribuir com suas bandeiras de luta. Nesse sentido, há pessoas que estão diretamente ligadas com o processo de luta e outras que contribuem indiretamente, quando na estrofe diz “e aqueles que nos vem ajudar”, mas que de todo modo, são confiáveis, pois compartilham do mesmo desejo de luta.

“Se a gente sofrer nessa luta, o sangue será semente”, são versos presentes na terceira estrofe da canção, os quais indicam uma situação de incertezas ao que pode vir a acontecer, da maneira como essa luta será conduzida, se “na marra”, como aparece no refrão, ou por meios legais. Supondo que será na “marra”, o sangue das pessoas envolvidas, serão sementes, isto é, o compositor ao citar sangue não está se referindo a apenas um ferimento proveniente de uma luta, mas do sangue derramado em sua totalidade, custando a vida dessas pessoas e, quando as compara com sementes, significa que a iniciativa, a resistência e a luta delas possa germinar e servir de exemplo para outras pessoas, porque não para filhos, netos, bisnetos?!

Na canção, podemos perceber que o objetivo principal apresentado é a conquista de terra para trabalhar, que quem realmente quer trabalhar deve permanecer em seus lugares, “pois a terra é para quem trabalha”. Esta expressão nos leva a entender que a terra em que tanto falam está concentrada nas mãos de quem não faz o devido uso delas, isto é, são terras devolutas que não deveriam ser consideradas como patrimônio particular.

A canção finaliza fazendo referência a “uns trinta milhões” de pessoas que vivem sem terra para trabalhar e sem ter com o que se alimentar, restando apenas a força de lutar. Repetidas vezes aparece na canção “porque a história não falha, nós vamos ganhar”, dando ênfase a outras

lutas que foram travadas de maneira coletiva, com objetivos definidos e que, no fim, se concretizaram.

“Agora nós vamos pra luta, a terra é nossa ocupar. A terra é para quem trabalha, a história não falha, nós vamos ganhar”! A canção acima expressa o despertar para a luta por direitos à terra, a um pedaço de chão em que os trabalhadores pudessem trabalhar de maneira digna e assim garantirem a sobrevivência familiar, na certeza de que a luta seria difícil, sofrida, muito sangue derramando, mas somente com muita luta poderia mudar o curso dessa história de sofrimento.

O direito à posse da terra se configura como um das principais motivos para os conflitos no campo recorrentes no Maranhão, mas é também bandeira de luta de trabalhadores e quebradeiras de coco babaçu em todo estado. As lutas extrativistas também foram produzidas em meio a conflitos de grandes proporções, o que levou a situações reivindicatórias em vários níveis (BARBOSA, 2007, p. 69).

As lutas travadas no campo têm um caráter material de existência e também de reprodução familiar, “se, por um lado, o menor favor em relação às áreas de lavouras era compensado pela possibilidade de coleta do coco babaçu nas fazendas, por outro, o desmatamento e a proibição da coleta que se seguiu significou o cerceamento do canal de obtenção de renda que restava ao trabalhador e à sua família” (AYRES JUNIOR, 2007, p. 92).

O contexto histórico de lutas do Médio Mearim está ligado ao extrativismo do babaçu e a luta das mulheres quebradeiras de coco. Lutas travadas não somente contra o latifúndio, mas, sobretudo, pelo direito à liberdade do babaçu, liberdade de permanecerem em seus territórios e garantirem a sobrevivência familiar (AYRES JUNIOR, 2007). O agravamento dos conflitos ocorre com o fechamento no acesso a esses recursos, devido à grande quantidade de migrantes nessa região, provocando um aumento na demanda de terras e nos preços do aluguel (ANDRADE, 2005, p. 177).

A canção presente no repertório do grupo “Encantadeiras” retrata um pouco dessa experiência migratória.

BOTA PARA BRIGAR

Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.
Se o cabra morre de medo,
Prova que ele não é homem.

Refrão: Qual é o jeito, Zé?
É virar, é virar, é virar!
É virar e botar para brigar! (2X)

Eu saí do Piauí, vim parar no Mearim.
Eu chegava lá,
O bicho vinha atrás de mim.

Do vale do Mearim, eu corri pro Pindaré,
Quando eu olhei para trás,
O bicho vinha no meu pé.

Da região do Tocantins, fui parar no Araguaia.
Quando eu chegava lá,
O bicho tava na tocaia.

Não tenho mais para onde ir, todo lugar o bicho tá.
Não vou mais sair daqui,
Não vou caçar outro lugar!
(CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 24)

No decorrer da canção podemos perceber que a narrativa se faz em primeira pessoa, isto é, apenas um personagem tem voz na canção. O compositor refere-se a outra pessoa durante a canção, passando a impressão de que está falando com alguém, quando no refrão diz: “qual é o jeito, Zé?”, mas, na verdade, o protagonista questiona a si mesmo como se estivesse fazendo uma auto reflexão sobre a situação em que está vivendo, é uma narrativa reflexiva da vida cotidiana, ao mesmo tempo em que justifica a outra pessoa seu ponto de partida, que é “virar e botar para brigar”. A briga não é física, com armas, facas, é uma briga ideológica por sobrevivência, espaço e direitos.

Na canção o verso “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”. O nome “bicho” aqui empregado pelo protagonista é usado de modo pejorativo, referindo-se a uma pessoa muito feia e que pode fazer muito mal a outras pessoas, e completa a estrofe afirmando “se o cabra morre de medo, prova que não é homem”. O termo “cabra” é bem comum no vocabulário nordestino, expressões como: “cabra da muléstia”, “cabra da peste” pode variar de significados, por exemplo, pode ser pessoa má ou um muito corajoso, valente. Para esta análise, vou convencionar que se trata de um homem o qual a masculinidade é colocada em questão.

Além disso, ao longo da canção, podemos observar que o protagonista vive momentos de instabilidade e mudanças, o mesmo percorre alguns estados do Nordeste, mas, por algum motivo, não consegue permanecer em nenhum deles. Nesse caso, o motivo é “o bicho”, que em todos os lugares está, seja no Piauí, no Vale do Mearim (MA), Pindaré (MA), Tocantins ou Pará, em todos os lugares o bicho o persegue. Assim, o termo “bicho” ganha outro sentido e cabe analisá-lo de outra maneira, considerando outros fatores.

Na música, o autor utiliza um ditado popular “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”, expressão que pode designar situações de pressão e ataques aos meios de sobrevivência

que os trabalhadores passavam. O “bicho” na canção pode ser representado, inicialmente, pela seca, um dos fatores que provocou o processo migratório, segundo Andrade (2005), e também pelos grandes fazendeiros e latifundiários que priorizavam a pecuária e proibiam o acesso ao babaçu. Nesse sentido, a trajetória do autor percorrida na música, do Piauí ao Mearim, do Vale do Mearim ao Pindaré, do Tocantins ao Araguaia, é uma descrição das regiões onde os conflitos pelo acesso à terra e ao babaçu mais se acentuaram. “O epicentro do movimento de luta pela terra no Maranhão, na segunda metade dos anos 1980, localizava-se nas regiões do Médio Mearim, Alto Mearim e do Grajaú (ANTUNES, 2006, p. 130).

Outra referência ao período migratório e que detalha quão dolorido e violento foi esse processo, por ter que deixar seus lugares de origem, familiares, suas histórias e ter que caminhar por caminhos incertos, levando apenas a esperança de uma vida melhor, é retratada na música a seguir.

EU VIM DE LONGE:

Eu vim de longe, pra encontrar o meu caminho,
Tinha um sorriso e o sorriso ainda valia.
Achei difícil a viagem até aqui,
Mas eu cheguei, mas eu cheguei. (2X)

Eu vim depressa, eu não vim de caminhão,
Eu vim a jato, neste asfalto, neste chão.
Achei difícil a viagem até aqui,
Mas eu cheguei, mas eu cheguei. (2X)

Eu vim por causa daquilo que não se vê,
Vim nu, descalço, sem dinheiro na pior.
Achei difícil a viagem até aqui,
Mas eu cheguei, mas eu cheguei. (2X)

Eu tive ajuda de quem você não acredita,
tive esperança de chegar até aqui.
Achei difícil a viagem até aqui,
Mas eu cheguei, mas eu cheguei. (2X)

(CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 23)

Essa canção mostra um protagonista que pode ser tanto feminino ou masculino e que faz uma narrativa em primeira pessoa, apenas um personagem tem voz na música. Pelo título da canção “Eu vim de longe”, já podemos perceber que inicialmente se trata de uma narrativa que apresenta um sujeito que passa por muitos caminhos e estes podem conter pedras e tropeços.

Logo no primeiro verso o protagonista deixa claro que está em busca de seu caminho, dando a entender que não está satisfeito no lugar e na situação em que se encontra, como se não

tivesse nada de satisfatório que fizesse continuar naquele lugar, decidindo partir apenas com um sorriso, sorriso esse marcado pela esperança de dias melhores.

Ainda na primeira estrofe, podemos perceber que a pessoa que fala já encontrou seu lugar, relatando que foi difícil, mas que já chegou. Quando na canção diz “mas eu cheguei, mas eu cheguei”, a expressão repetida transmite uma ideia de satisfação pelo lugar em que se encontra. De fato, não dá para sabermos exatamente nem o lugar da partida nem onde se encontra o personagem.

A partir da segunda estrofe o protagonista começa a relatar o que aconteceu durante o percurso até o destino final. Inicia falando da pressa que estava, essa rapidez pode ser explicada pelo entusiasmo que é poder encontrar um lugar “certo” para ficar, isso porque relata que não veio de caminhão, veio de jato, entendendo que não se trata de um avião a jato, mas de uma decisão tomada com muita força e coragem. E completa: “eu vim a jato, neste asfalto, neste chão”. Acredito que o protagonista esteja relatando que veio andando durante esse percurso, pois descartou que não veio de caminhão, e partiu de um ponto em que a pessoa sai apenas com o sorriso, isso significa que não possuía transporte particular.

Logo na estrofe seguinte o protagonista dá indícios do motivo que o fez procurar novos caminhos, assim diz: “eu vim por causa daquilo que não se vê”. O que podemos observar, neste caso, é que o motivo é de cunho sentimental, coisas que não podem ser vistas pelos olhos, são coisas próprias da alma. É possível perceber que o protagonista passa por situações difíceis e de dor, ao relatar que durante o caminhar veio “descalço, sem dinheiro e na pior”, que muitas vezes teve ajuda de pessoas que não conhecia, vinha carregada apenas de esperança por dias melhores.

Essa canção não é de autoria do grupo “Encantadeiras”, sendo a mesma de Agnus Dei, é, pois, uma música religiosa que se chama “A viagem”. É bastante comum que essas mulheres utilizem músicas de cunho religioso em seus repertórios e apresentações, adaptando e trazendo para suas vivências cotidianas. Esta música, por exemplo, representa bem as trajetórias de muitos trabalhadores e quebradeiras de coco, que tiveram que sair de suas origens em busca de melhores caminhos, migrando para outros estados em busca de terra, alimento e até água.

A dor e o sofrimento não estavam somente durante o percurso do caminho, mas as violências físicas e simbólicas continuaram com o desenvolvimento da pecuária e com as pressões pela liberação das terras para coleta de babaçu e para fins da agricultura. As violências sofridas por trabalhadores e quebradeiras de coco estão presentes na memória e nos discursos daqueles que vivenciaram esse período, como no de Maria Querobina da Silva Neta, quebradeira de coco de Imperatriz.

[...] Eu tinha um colega meu que morreu em cima de um paiol de arroz. Ele batendo arroz de entregar uma renda lá para uns caboco, depois que ele acabou de encher o saco de arroz, que costurou, os caras mataram ele em cima do paiol de arroz. Mataram mesmo porque eram malvados, atiraram nele, ele com a lata de milho de arroz, [...] a lata ficou parecendo um ralo (SILVA, NETA, Maria Querobina, apud ALMEIDA, 2008, p. 27)

Como destaca Barbosa (2007), os fazendeiros, mesmo sem desenvolver a pecuária utilizavam as áreas de babaçuais para fins de pastagem, uma estratégia para proibir a entrada dos trabalhadores nessas áreas. “No território maranhense, destacam-se a concentração fundiária, a grilagem de terras, a criação de pastos para a pecuária extensiva, a queima de roçados e a devastação das palmeiras de babaçu” (BARBOSA, 2013, p.135)

Para Barbosa (2013), a grilagem de terras se configurou como uma grande ameaça aos trabalhadores rurais e quebradeiras de coco babaçu, além de ter sido um fator importante no processo de expropriação de terras no Maranhão, sendo uma verdadeira violência para essas populações. Para Asselin (1982), a grilagem é um instrumento de poder, acobertado, incentivada e planejado pelo governo. Exemplo de poder por parte do Estado foi a iniciativa jurídica da Lei 2.979 de 17 de junho de 1969, conhecida como “Lei Sarney de Terras”, que excluía trabalhadores rurais do acesso à terra e ao extrativismo.

Pelo visto, as leis de Terras no Maranhão não tiveram o objetivo de regularizar as ocupações de terras da população camponeses havidos no Estado: os índios, os quilombolas, as quebradeiras de coco babaçu e os pequenos produtores independentes; e no momento, ao dispor intencionalmente as terras devolutas do Estado no mercado de terras, excluía seus ocupantes, o que vai resultar num aumento dos conflitos pela posse da terra (SHIRAISHI, 1998, p. 38-39).

Durante todo esse processo de lutas, os trabalhadores rurais e as quebradeiras de coco babaçu contaram com aliados importantes, como a “Comunidade Eclesiais de Base (CEBs), Cáritas, fundada em 1956, da Animação dos Cristão no meio Rural (ACR), criada em 1965, e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), instituída em 1975” (BARBOSA, 2007, p. 78). A igreja católica por meio dos padres e missionários apoiavam os trabalhadores em suas mobilizações, a fim de amortecer as violências sofridas e tornar suas denúncias mais efetivas (BARBOSA, 2007).

Desse modo, é bastante comum que as músicas cantadas por trabalhadores e quebradeiras de coco, nos momentos de trabalho, de reuniões e momentos festivos, tenham um cunho religioso, muitas delas adaptadas aos momentos de lutas, resistência, e na busca por direitos.

NOSSOS DIREITOS VÊM

Refrão: Nossos direitos vêm / Nossos direitos vêm
Se não vir nossos direitos / O Brasil perde também

Confiando em cristo rei / Que nasceu lá em Belém
E morreu crucificado / Porque nos queria bem
Confiando em seu amor / Se reclama até doutor
Mas nossos direitos vêm!

Só porque tu tem muito gado / Tem dinheiro com fartura,
Tu negas o teu irmão / Este pobre sem figura,
Cuidado com teu mistério /
Um dia no cemitério! Nossa carne se mistura.

A cova é tua morada / O verme teu companheiro
A vida desaparece / para lá não serve dinheiro,
Quero ver tua defesa / Onde está tua riqueza,
Que comprava o mundo inteiro?

Tu sabes que a morte é justa / Vem toda de uma vez
Passa um visto em teus crimes / Qual o dia eu não sei
Mas tu pagarás dobrado / Não existe advogado que te defenda na lei.

Aqui termino pedindo / Ao nosso Pai Soberano
Que fez o céu e a terra / Sem cometer um engano
Olha teu santo universo / Cheio de coração perverso
que nega / Os direitos humanos.
(CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 10)

Na canção acima, logo no início, a expressão “nossos direitos” aparece no plural, deixando claro que se trata de direitos pensado para o coletivo, no entanto, ainda não é possível saber se a canção contém a voz de apenas um protagonista ou se há outras vozes participando da narrativa, mas se recorrermos ao primeiro verso da última estrofe, iremos notar que se trata de um personagem e, isso fica claro na frase “aqui termino pedindo”, quando a narrativa se faz em primeira pessoa. Já no refrão, podemos perceber que o protagonista está em busca de direitos, direitos que não estão especificados na canção.

Como a canção faz parte do repertório da igreja católica, ao longo das estrofes será comum termos que faça menção a Cristo, ao Pai soberano, etc. Na primeira estrofe, por exemplo, o protagonista realiza uma dedicatória a Cristo Rei, mencionando sua crucificação pelo bem todos, assim, confia que os seus direitos um dia chegará.

Na segunda estrofe, o protagonista coloca-se numa posição social inferior a outra pessoa, afirmando que só porque esse alguém possui dinheiro, não lhe dá o direito de negar um irmão, o irmão, nesse caso, no sentido de que todos nós somos filhos do Pai Criador. E faz uma

alerta de que, independente de dinheiro, um dia todos irão para o mesmo destino onde a carne se mistura, onde não é possível levar nenhuma riqueza, que a morada é apenas a cova, isso tudo fazendo referência ao cemitério.

O protagonista continua falando referindo-se a outra pessoa, citando que a morte é justa e que é sentença final para todos os crimes, independente da incerteza sobre a morte, nesse plano, os advogados não o podem defendê-lo. E termina a canção pedindo ao Pai Soberano que olhe para esse universo que nega os direitos humanos.

A música traz uma narrativa, na qual o protagonista se refere a outra pessoa durante toda a canção, e o assunto principal gira em torno dos “direitos”, da negação dos direitos humanos. Logo no refrão da música, deixa claro que devemos estar atentos à promoção dos direitos humanos, evidenciando que se um ser humano sofre, todos sofrem juntos. Esses direitos não especificados na música são os direitos fundamentais garantidos no art 5º da Constituição Federal, nos termos da lei: moradia, educação, saúde, segurança, liberdade, direito à propriedade, etc.

A outra pessoa a qual o protagonista refere-se (“só porque tem muito gado e dinheiro com fatura”) nos faz perceber que se trata de um fazendeiro, isso porque estamos analisando as canções que correspondem ao processo de luta pela terra, pela liberdade de trabalho, etc. Podemos perceber também que, ao longo da canção, o protagonista vai deixando bastante evidente que há uma diferença entre ele e essa outra pessoa, não somente uma diferença financeira, mas também de caráter. Ele vai apontando atitudes que não são características de uma pessoa com boa índole, já que aponta supostos crimes.

O fato é que o personagem principal da canção parece estar bastante angustiado e procura fortaleza em Deus, pedindo que olhe por todos, como se estivesse admitindo que estava fraco demais para resolver a situação. Esse mesmo sentimento de impotência, ou momento de fragilidade representa o de muitos trabalhadores e quebradeiras de coco durante o processo de lutas, e a igreja católica exerceu um papel fundamental não somente nos conflitos por terra, mas, também serviu de abrigo para as primeiras mobilizações das mulheres, através dos grupos de mães. A igreja era o ponto de apoio que os trabalhadores poderiam contar e alimentou muitas famílias de esperança e coragem para lutarem por melhores condições de vida.

As mulheres quebradeiras de coco babaçu são pioneiras na luta pelo direito a terra e aos babaçuais e, como aponta Andrade (2005, p. 178), em algumas localidades a luta pelo trabalho extrativista, motivou a luta pela terra. A falta de lugar para trabalhar na roça, de não poder adentrar nas soltas para coletar o coco, mudou as relações de trabalho de muitos trabalhadores rurais, que passaram a ter a mão de obra explorada por fazendeiros/grileiros. Na impossibilidade

de cultivar as roças, por conta dos preços abusivos, restava apenas o extrativismo do babaçu como forma de sobrevivência, assim, a quebra do coco que era predominantemente feminina passou a ser exercida por todos os integrantes da família, inclusive homens e crianças (BARBOSA, 2013).

2.2 O tema trabalho nas canções

As forças de imobilização do trabalho, principalmente para quebradeiras de coco, foram verdadeira afronta à liberdade e aos direitos básicos de sobrevivência. A música a seguir reflete as marcas provocadas por essa imobilização do trabalho no campo.

MEU GRITO

Ninguém escuta meu grito,
desconhecem meu sufoco
Escondida lá na mata,
com fome quebrando coco
Dentro do babaçual,
Vou perdendo minha infância.
O machado é meu brinquedo,
Cortando minha esperança.
Derrubando os meus sonos,
De um dia diferente.

Que não seja pular cerca,
Prestar conta a patrão,
A um jagunço capataz,
Que ainda achando pouco
Se diz o dono do coco,
Toma a minha produção.

Tenho direito a escola,
Saúde e alimentação.
A brincar e ser feliz,
Tudo isso é a lei que diz.
Mas continuo esquecida,
Sem nenhuma proteção,
Nesse trabalho pesado,
Sem um pedaço de chão. (2x)

(CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 31)

A canção acima mostra uma narrativa em que a protagonista é uma mulher. Logo na primeira estrofe é possível entender o título da canção da música “meu grito”, quando a personagem diz: “ninguém escuta meu grito, desconhecem meu sufoco”. Nesse verso podemos perceber que o grito não é de alegria, nem de espanto, mas, de sufoco, de dificuldade, como é

bem frisado pela protagonista, é dor de fome por ter que passar horas e horas nos babaçuais quebrando coco.

No decorrer da música, ela vai contando detalhes de sua vivência e logo no início da segunda estrofe percebemos que a protagonista fala em infância. Inicialmente, pensei que se tratava de uma criança, mas logo percebi que a protagonista está fazendo um recorte temporal de quando era criança para dar riqueza de detalhes à narrativa, quando ela diz: “dentro do babaçual vou perdendo minha infância. O machado é meu brinquedo, cortando minha esperança, derrubando meus sonhos de um dia diferente”. Ela fala na esperança de dias diferentes, que não seja pular cerca, prestar contas a patrão, a jagunço, que além disso, toma a sua produção, isso são situações vivenciados por mulheres e homens adultos.

A protagonista continua dizendo que tem direito à escola, à saúde, alimentação, direito de brincar, ser feliz, que tudo isso é garantido por lei, mas que continua sem nenhuma proteção, trabalhando pesado e sem chão para trabalhar.

Essa música retrata situações de exploração do trabalho, que também são mencionadas por Andrade (2005) e Barbosa (2013), quando sinaliza que as mulheres eram obrigadas a entregar metade da produção para os donos de terras; os comerciantes que, quase sempre, eram os próprios proprietários pagavam no sistema de vale apenas aos finais de semana e as mulheres eram obrigadas a quebrar o coco nos denominados barracões.

Os extremos a que chegaram essas relações despertaram nos trabalhadores e quebradeiras de coco a necessidade de organizar-se. “Homens e mulheres se movimentavam, elaborando estratégias de resistência, dividindo-se para enfrentar a luta pela sobrevivência e a guerra contra os proprietários” (ANDRADE, 2005, p. 179).

Na canção “Essa luta não é fácil” está representada a principal bandeira de luta dessas mulheres, que é o acesso ao coco babaçu. “Nós vamos brigar com ele, para ter direito ao coco”. O desejo de acessar livremente o coco e fazer o uso dele foi o que impulsionou a luta pela terra.

ESSA LUTA NÃO É FÁCIL
REFRÃO: Essa luta não é fácil,
Mas vai ter que acontecer!
As mulheres organizadas
Tem que chegar ao poder (2x)

Vamos lutar, minha gente!
Vamos botar pra valer!
Vamos quebrar as correntes do machismo e do poder!

Quando ele vê esse povo, vai correr e cair no fogo.
Nós vamos brigar com ele, pra ter direito ao coco.

Ele tem mais que nós, por isso só dá desgosto,
 A nossa produção, temos que pagar imposto.
 (CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 13)

A canção começa com uma afirmação “essa luta não é fácil”, mas vai ter que acontecer. Logo no verso seguinte, quando diz: “as mulheres organizadas tem que chegar ao poder”, podemos perceber que se trata de uma personagem que dá voz a outras mulheres na canção. Além disso, a protagonista na canção exerce um papel de mobilizar e incentivar outras mulheres a participarem da luta, a quebrarem as correntes do machismo e do poder, ou seja, ignorar discursos que mulher não é de luta, que mulher pode fazer o que bem quiser.

No segundo verso, a protagonista refere-se a um homem, que quando vê o povo, vai correr e cair no fogo. Esse homem citado no singular, representa fazendeiros, vaqueiros e jagunços que tomavam a produção de coco das mulheres. A protagonista dá ênfase quando diz: “nós vamos brigar com ele, para ter direito ao coco”.

As mulheres quebradeiras de coco estão ligadas ao MIQCB que desde a sua fundação tem desempenhado um papel importante na preservação do meio ambiente (ALMEIDA, 2005). Estão ligadas também à ASSEMA, que tem acompanhado os processos de lutas em defesa dos babaçuais e estimulado uma linha de trabalho baseado na segurança alimentar e na economia solidária, de acordo com os princípios do associativismo e do cooperativismo (ARAÚJO, 2013). Tanto o MIQCB quanto a ASSEMA, além do apoio as quebradeiras de coco babaçu em defesa dos recursos naturais de sobrevivência, desenvolvem um trabalho de apoio a iniciativas que valorizem ainda mais o trabalho desempenhado pelas famílias do campo.

Na canção a seguir o protagonista cita o MIQCB e ASSEMA como aliados na luta.

COMO PODEREI VIVER

Refrão: Como poderei viver (2x)
 De leste, oste a sul
 Sem o nosso babaçu

Companheira organizada,
 Vamos ganhar a parada!
 Lutando pelas palmeiras,
 Não deixar a derrubada!

Quebradeira não tem nada,
 Só tem um título e uma machada.
 Pra votar em seu fulano,
 Que por ela não faz nada.

Com a nossa fabriqueta,
 Que vamos nos animar.

Fazer o sabão de coco,
Para a vida melhorar.

MIQCB e ASSEMA
Veio aqui nos animar,
Para nos lutar com força
E nunca desanimar!

A mulher tem que ter força,
Saber na vida lutar.
Pra que nosso babaçu,
Outro não venha ajuntar
(CANTO E ENCANTO,2014. p, 28)

Logo no refrão da música é feito um questionamento de como poderá viver sem o babaçu. Na primeira estrofe podemos perceber que a personagem da canção é uma mulher que faz menção a outra, definindo-a como companheira organizada. No diálogo a protagonista fala que é preciso “ganhar a parada”, lutando pelas palmeiras e não permitindo que as derrubem. Continua na segunda estrofe falando que quebradeira não tem nada, apenas um título e uma machada. O título a que se refere é o de eleitor e, ainda afirma que só serve para votar em seu fulano que não faz nada por ela.

Dando sequência ao diálogo, a protagonista diz: “com a nossa fabriqueta, que vamos nos animar”. A “fabriqueta” é uma expressão relacionada a uma pequena fábrica de fazer sabão, que é segundo a personagem o que irá melhorar a sua vida.

Também é mencionado o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) e a Associação em Áreas de Assentamento do Estado do Maranhão (ASSEMA), que, de acordo com a protagonista, veio para animar, para dar força para lutarem e nunca desanimarem. E finaliza a canção dizendo que mulher tem que ter força, saber lutar para que outras pessoas não possam coletar o babaçu.

A canção trata de algumas questões como a luta pelo acesso às palmeiras de coco babaçu e, também, a luta pela preservação dos babaçuais, a não permitir que devastem o recurso natural de sobrevivência dessas mulheres. Além disso, na canção podemos perceber que a protagonista fala de outra forma de trabalho que não seja apenas juntar coco, é, portanto, o trabalho com a fabricação de sabão, outra maneira que as mulheres encontraram para sobreviverem.

A “fabriqueta” de sabão citada na música está localizada na comunidade de Ludovico. De acordo com Almeida (2019), a fábrica de sabonete começou a funcionar por volta de 1997, implantada com a colaboração da UNICEF, os sabonetes e sabão são produzidos com óleo

fornecido pela Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (COOPPALJ).

O trabalho é desenvolvido pelas mulheres que integram a AMTR e utilizam o óleo de coco babaçu como principal ingrediente na fabricação do sabonete. Além de gerar mais renda às famílias, a produção do sabonete, assim como de outros subprodutos do babaçu tem a marca “Babaçu Livre” em alusão ao período de lutas e resistências dos agroextrativistas pelo acesso ao babaçu (GENTE DE FIBRA, 2019a).

De acordo com Rego e Andrade (2006), a COOPALJ foi fundada em 1991 e insere-se no processo de transformação das formas de produção e comercialização dos produtos provenientes do extrativismo. Essas transformações nos modos de produção contam com a assessoria da ASSEMA, que vem atuando pela conservação dos babaçuais, fortalecendo a produção familiar de maneira justa e solidária, tendo como principais protagonistas as mulheres quebradeiras de coco babaçu que lutam cotidianamente pela valorização do seu trabalho, pois entendem que o babaçu e os derivados dele movimentam o mercado, gera renda e fortalece o movimento, porque lugar de quebradeira é nos babaçuais, é nos congressos nacionais e internacionais, é no mercado, é onde eles quiserem.

3 IDENTIDADE, GÊNERO E MEIO AMBIENTE

Este capítulo consiste em analisar as articulações entre de identidades coletivas, relações de gênero e meio ambiente, que estão presentes nas canções e nos repertórios do grupo “Encantadeiras”. Um tripé indispensável para uma melhor compreensão do mundo que envolve as quebradeiras de coco babaçu.

3.1 “Eu sou quebradeira” identidade coletiva.

EU SOU QUEBRADEIRA

Eu sou quebradeira, /Eu sou quebradeira.
 Vim para lutar! /Pelos meus direitos,
 Pelos meus direitos/Eu vim reivindicar!
 Mais Educação e saúde/Pra toda nação.
 Eu sou quebradeira, /Sou mulher guerreira,
 Venho do sertão! /No Tocantins, tem quebradeira
 No Piauí tem quebradeira/La no Pará tem quebradeira
 No Maranhão estão as quebradeiras
 (Letra: Antônio Nascimento Silva)

A participação da mulher nas lutas camponesas no Maranhão faz-se presente desde o processo de mobilização ocorrido nos finais dos anos 1980, quando assumem uma identidade coletiva de quebradeiras de coco. Para Rego e Andrade (2006), o processo de mobilização política dessas mulheres e suas famílias faz com que as identidades que elas integram sejam identificadas como instituições de luta e resistência contra a ação de grandes proprietários.

A canção “Eu Sou Quebradeira” reforça uma autoafirmação da identidade de quebradeiras de coco, que está diretamente ligada ao processo de luta pela terra, pela busca por melhores condições de vida no campo, direitos à moradia, à educação, à saúde, à valorização do trabalho, entre outras lutas (BARBOSA, 2007, 2013).

No trecho da canção “No Tocantins, tem quebradeira, no Piauí tem quebradeira, lá no Pará tem quebradeira, no Maranhão estão as quebradeiras”, o autor da música está se referindo ao Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). O movimento atua em seis regiões: Médio Mearim, Baixada Maranhense e Imperatriz (MA); Pará, Tocantins e Piauí (ALMEIDA, 2005) e desempenha um papel importante com as “temáticas: gênero, geração, etnia, associativismo, cooperativismo, produção agroecológica e segurança alimentar” (ARAÚJO, 2013, p. 283).

O MIQCB e a ASSEMA têm utilizado de estratégias de organização e discussões para garantia direitos, a proteção do meio ambiente, a valorização do trabalho e da igualdade de gênero, étnico-racial e da identidade de quebradeiras de coco. Seja através de encontros de formação municipal, interestaduais ou até mesmo encontros nacionais. O fato é que esses encontros também revitalizam suas forças para luta. É o que demonstra a canção abaixo:

EU SOU FELIZ É QUEBRANDO COCO

Eu sou feliz é quebrando coco

É quebrando coco que eu sou feliz (BIS)

Mulher vamos se unir

Nessa luta prosseguir.

Se ficar aqui parada

Nada vamos conseguir

Se fizer plano de roça

E na roça não plantar

Não vamos ter a colheita

Para nos alimentar.

Se não se unir com força

E começar a trabalhar

Não vai ter a fabriqueta de sabão para lavar.

(CANTO E ENCANTO, 2014, p.38)

A música também demonstra a satisfação que as mulheres sentem em se reafirmarem como quebradeiras de coco, como mulheres que também trabalham na roça, que participam dos movimentos e o quanto é importante continuarem unidas nessa luta por melhores condições de vida.

De acordo com Barbosa (2007), a identidade de quebradeira de coco está relacionada à identidade de gênero construída pelas trabalhadoras rurais, por isso, é comum que outros termos de identificação lhe sejam atribuídas.

As quebradeiras de coco babaçu são mulheres, adultas e jovens, agriculturas, parteiras, artesãs, cozinheira, dona de casa, costureiras, professoras, pescadoras, quilombolas, indígenas, extrativista, enfim, mulheres comuns da comunidade que utilizam o coco babaçu” (SILVA; NAPOLITANO; BASTOS, 2016 p. 24)

Como cita os autores acima, a identidade de quebradeira de coco babaçu vai além da ação prática da atividade de quebrar o coco, outras atividades são desenvolvidas por elas, às vezes nem exercem a atividade e, mesmo assim, se auto identificam como quebradeiras de coco. A canção a seguir retrata sobre uma diversidade de atividades que são exercidas por essas mulheres no cotidiano, o que de certa maneira justifica as tantas denominações atribuídas a elas.

MULHER NA LUTA

Vai pra beira do riacho, ô, ô, ô!
 Com a trouxa na cabeça, ô, ô, ô!
 Pra ganhar uma mixaria, lava roupa todo dia,
 Se resfria e não se queixa (2x)

O sol quente na cabeça, ô, ô, ô!
 E os pés na água fria ô, ô, ô!
 E a mulher lavadeira, trabalha a semana inteira,
 Para poder ganhar a vida (2x)

Bota lenha no fogo, ô, ô, ô!
 Faz o leite do menino, ô, ô, ô!
 Varre a casa e limpa a mesa, arruma a prateleira,
 Enquanto ele está dormindo (2x)

É mulher dona de casa, ô, ô, ô!
 Sem tempo pra descansar, ô, ô, ô!
 Faz almoço, faz janta e a noite lá pras tantas
 Ela ainda sem deitar (2x)

Já não tem mais o marido, ô, ô, ô!
 E vai pra roça sozinha, ô, ô, ô!
 Deixa o filho de dois anos, o outro nem está andando.
 Cuida dele Mariquinha (2x)

É a mulher do posseiro, ô, ô, ô!
 Que o pistoleiro matou, ô, ô, ô!
 Tudo é culpa do sistema, pois o rico não tem pena do povo trabalhador (2x)

É a mulher boia-fria, ô, ô, ô!
 É o peso do facão, ô, ô, ô
 Quando a cana vai caindo, ela pensa nos meninos
 É uma dor no coração (2x)
 (CANTO E ENCANTO, 2014, p.34)

No decorrer da canção, podemos perceber que a narrativa se faz em primeira pessoa, apenas um personagem tem voz na canção, ao que tudo indica, trata-se de uma personagem mulher.

Ao longo da música, a protagonista vai detalhando as atividades exercidas por ela diariamente. Nas primeira e segunda estrofes, ela exerce o papel de lavadeira, fala que vai pra beira do riacho todos os dias com a trouxa na cabeça para poder ganhar um pouco de dinheiro, mesmo exposta ao sol quente, ao risco de adoecer, tem que trabalhar para poder ganhar a vida.

Nas terceira e quarta estrofes, a protagonista está relatando sua rotina como dona de casa, botar lenha no fogo, cuidar dos filhos, limpar a casa, fazer comida, etc. A protagonista fala de uma questão bem importante, quando expressa: “varre a casa e limpa a mesa, arruma a prateleira, enquanto ele está dormindo”. Neste verso, ela está falando sobre a divisão do

trabalho doméstico, que, na maioria dos casos, é atribuição somente das mulheres, sobrecarregando-as e limitando-as exercer outras atividades que não seja ser esposa e mulher do lar. Em uma entrevista concedida a Figueiredo (2005), as quebradeiras de coco Rosa, do Centro do Rosa, e Leonildes, de Marajá, ambas do município de Lago do Junco, relataram como veem a desigualdade nas relações domésticas.

P- E quando chegava o homem da roça, ou a mulher também da roça, ou da quebra do coco os dois, os trabalhos de casa, como acontecia?

Rosa- Ficava por conta da mulher, não sabe, porque homem também, homem na época, não podia nem pegar uma criança para segurar, criança chorando, mais a mãe que tinha que cuidar da casa, tinha que cuidar da criança, se alguém visse homem dando banho em criança, então já dizia, aquele dali é dominado por mulher, o galo canta fino, todo esses problemas, ele chegava em casa, ela que tinha que cuidar, cuidava da roça, cuidava em casa, e, as vez, até a agua pra ele banhar, muitas vezes trazia até água pra ele banhar em casa.

Leonildes- Assim a gente ia trabalhar na roça mais ele do meio dia a tarde, depois [que] deixava a comida, para o marido [na roça], isso eu falo de mim, eu falo também pelas minhas companheiras, que é isso que eu vejo, e quando a gente chegava seis horas da tarde, ainda tinha que fazer janta, banhar os filhos, fazer tudo o que tinha por fazer ali, o resto da tarefa que você não tinha feito naquele período que tava na roça, você ia ter que fazer e ele chegava e banhava e ia pras casa né(...). (ROSA, LEONILDE apud FIGUEIREDO, 2005, p.75)

Dando continuidade à letra da música mais acima, na quinta estrofe, a personagem já não tem mais o marido e se coloca como agricultora, que tem que ir pra roça sozinha, tendo que deixar o filho ainda bebê com outra pessoa, que ela chama de Mariquinha. Não tem como dizer ao certo se Mariquinha é uma filha mais velha, se é irmã ou alguma vizinha da protagonista. Para esta análise, vamos partir da perspectiva de que seja uma filha mais velha, considerando, como Figueiredo (2005, p. 149), que “devido aos serviços da roça serem considerados pesados, na ausência do pai, geralmente tem um adulto encarregado do trabalho. Com a menina quando está com dez anos acima, a mesma assume sozinha a função de cozinhar e cuidar dos mais novos”.

Na sexta estrofe a personagem deixa claro que era mulher de posseiro e que perdeu o marido porque o pistoleiro matou, que a culpa é do sistema, pois o rico não tem pena do povo trabalhador. Muitas mulheres perderam os companheiros durante o processo de luta pela terra, tendo que continuar a luta pela sobrevivência da família.

No final da canção, a protagonista identifica-se como a mulher boia-fria, que se submete a trabalhar cortando cana provavelmente em um lugar distante, onde seja necessário já levar o próprio alimento de casa, pois, além de lidar com o peso do facão, tem que suportar a dor que é ficar longe dos filhos.

Desse modo, a identidade de quebradeira coco é um conceito coletivo que está interligada pelo processo de mobilização política, lutas pelas questões ambientais, econômicas e de gênero. Esses agentes sociais fortalecem suas identidades e bandeiras políticas com o apoio de organizações criadas por elas mesmas.

A ASSEMA, localizada na região do Médio Mearim, reforça essas discussões junto aos grupos de base que a compõem:

também foi possível constatar que a forma particular desse grupo social se organizar e mobilizar como um conjunto de organizações de base também caracteriza uma pauta diversa, que envolve discussões tais como: mercado na perspectiva de uma economia distributiva e solidária; convivência com a natureza e utilização dos seus recursos naturais de maneira responsável que garanta sua preservação para as gerações futuras; educação voltada para a valorização da vida no campo; produção e beneficiamento dos recursos visando a adoção de técnicas orgânicas e ecológicas; debates sobre as relações de gênero e como essas podem ser reconstruídas objetivando a valorização das diferenças, mas com a igualdade de direitos. (FIGUEIREDO, 2005, p.45).

3.2 “Sem medo de ser mulher”: a questão de gênero nas canções

As questões de gênero que envolvem esses movimentos, principalmente o de criação da ASSEMA, estão atreladas ao que seria atribuições do homem e da mulher, isto é, nas discussões que envolviam a criação da ASSEMA, as mulheres quebradeiras de coco não participavam diretamente dos encontros de mobilização, pois os representantes eram por sua maioria homens trabalhadores rurais (BARBOSA, 2007). Esse tipo de prática aponta para as relações de gênero e diferenças de atuação na organização em um momento que as mulheres quebradeiras de coco também lutavam pelo reconhecimento de trabalhadoras rurais.

O anseio das mulheres quebradeiras de coco em querer participar das tomadas de decisões e quebrar com a esse tipo de disparidade entre homens e mulheres fortalece suas

mobilizações dentro dos movimentos sociais. A canção “Sem medo de ser mulher” fortalece esse ponto de vista, de que a luta deve ser igual para companheiros (homens) e companheiras (mulheres).

SEM MEDO DE SER MULHER

Refrão: Pra mudar a sociedade,
Do jeito que agente quer,
Participamos sem medo de ser mulher!

Porque a luta não é só dos companheiros,
Participamos sem medo de ser mulher!
Pisando firme sem nenhum segredo,
Participando sem medo de ser mulher.

Pois sem mulher a luta vai pela metade,
Participamos sem medo de ser mulher!
Fortalecendo os movimentos populares,
Participando sem medo de ser mulher!

Na aliança operária-camponesa,
Participando sem medo de ser mulher!
Pois a vitória vai ser nossa com certeza,
Participando sem medo de ser mulher.
(CANTO E ENCANTO, 2014, p.30)

Essa música já chama bastante atenção pelo próprio título, que transmite uma firmeza, um empoderamento, a afirmação de uma identidade. Logo, podemos perceber que a protagonista é uma mulher que está disposta a mudar a sociedade através da sua participação, da sua luta política por direitos.

Na segunda estrofe, ela enfatiza que a luta não é feita apenas por homens que denomina como companheiros, mas também por mulheres que pisam firme, sem nenhum segredo e medo. Ainda, para ela, a luta sem a mulher fica pela metade, as mulheres fortalecem os movimentos sociais. Na última estrofe, a protagonista fala sobre uma aliança operária-camponesa, que observamos articulam trabalhadores do campo e das cidades, todos espoliados pelos imperativos do capitalismo.

De fato, os antagonismos sempre estiveram presentes no campo, mas tem ganhado dimensões maiores com o passar dos anos devido à expansão do agronegócio e de grandes empreendimentos econômicos, os quais tem atuado de modo negativo na mudança dos modos de vida das pessoas do campo.

Em 2011, nesse cenário de reconfiguração do espaço agrário maranhense, cerca de setenta famílias de Demanda, localidade da região de Cocais, no

Médio Mearim Maranhense, nos municípios de Santo Antonio dos Lopes e Capinzal do Norte, foram surpreendidas pela chegada da empresa MPX, atual ENEVA, que ali vinha instalar um complexo de usinas termoelétricas movidas a gás natural. A partir de então, famílias de posseiros, pequenos proprietários e arrendatários passaram a se defrontar, principalmente, com a perda do extenso e fértil palmeiral, de onde as mulheres extraíam o babaçu, cujas amêndoas vendiam aos comerciantes e latifundiários tradicionais. (ANDRADE, 2013, p. 55)

A canção “sem medo de ser mulher” também abre uma discussão para as questões de gênero. Assim como as quebradeiras de coco babaçu fazem parte de um campo ao qual podem-se atribuir inúmeros significados, também não podemos falar sobre gênero de maneira isolada. Para Figueiredo (2005), as funções sociais, consideradas como masculinas e as consideradas como femininas, determinam o que é ser homem e ser mulher, e essas funções é que constroem as relações de poder entre os gêneros.

No cotidiano das quebradeiras de coco, as relações de gênero, quanto aos papéis de “homem” e de “mulher” apresentam-se em vários momentos, nas relações familiares, divisão do trabalho, participação da mulher nos movimentos sociais, políticas públicas, entre outros (BARBOSA, 2013).

A participação das mulheres nos movimentos vem transformando essas relações, ao passo em que elas se sentiram como sendo protagonistas de um processo político de lutas que liberta, que dá voz a seus interesses, descobrindo que podem se inserir em um universo externo que não seja o ambiente familiar.

OH MULHER, TE CHAMO!
Oh, mulher te chamo porque esta luta é tua, (2x)
Deixa esta cozinha e vamos cair na luta. (2x)

Essa luta é nossa, não desanime, não.
As nossas palmeiras estão todas no chão!
Vamos dar um jeito, que eu já não aguento.
É pra nossos filhos, que dá sustento.

Você quebra coco, cuida do menino
E que levar a roupa, não é teu destino!
Depois vai pra roça que situação!
Vai quebrar o coco, pra comprar o pão.

A quebra do coco foi quem me criou,
diziam meus pais, também meus avôs.
Agora estou vendo tudo se acabando,
É o fazendeiro que está devorando.
(CANTO E ENCANTO, 2014, p 35)

A canção acima enfoca duas questões que se relacionam entre si: a questão de gênero e a ambiental. A protagonista chama a atenção para o despertar pra luta, reforçando que é necessário sair da cozinha e que a luta é de todas. Além disso, a personagem aparenta estar passando por um momento de angústias, pois fala que já não aguenta, referindo-se às palmeiras que estão no chão.

Na última estrofe podemos perceber que a palmeira novamente ganha um sentido simbólico, quando diz: “a quebra do coco foi quem me criou, já dizia meus pais, também meus avós”. Esse verso justifica a angústia que a personagem está sentindo, pois a quebra do coco, fruto da palmeira, é mais do que uma questão de sobrevivência, envolve laços afetivos familiares, que estão sendo feridos pela destruição das palmeiras por parte dos fazendeiros. Como aponta Barbosa (2008) a devastação dos babaçuais significa uma perda material e simbólica, uma vez que lhe era atribuída o papel de mãe e, que o corte, a queima, o envenenamento das palmeiras, representa não somente a redução dos babaçuais, mas uma violência ao seu trabalho e a sua vida.

3.3 “Não devore os palmeirais”: meio ambiente e “Babaçu Livre”

As mulheres quebradeiras de coco são pioneiras na luta pelo acesso e preservação dos babaçuais, inicialmente por questão de sobrevivência, depois pela garantia da permanência em seus territórios. O processo de mobilização desses agentes sociais surge a partir desses enfrentamentos e se materializa de maneiras diferentes, em grupos de mulheres, associações, cooperativas, sindicatos e comissões (FIGUEIREDO, 2005).

A canção a seguir é considerada como o hino das mulheres quebradeiras de coco babaçu. Denominada “Xote das quebradeiras de coco”, a canção ecoa nas matas de babaçuais e nos encontros do MIQCB.

XOTE DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

Refrão: Hei! Não derrube esta palmeira!
Hei! Não devore os palmeirais.
Tu já sabes que não pode derrubar,
Precisamos preservar as riquezas naturais!

O coco é para nós grande riqueza,
É obra da natureza,
Ninguém vai dizer que não.
Porque da palha se faz casa pra morar,
Já é um jeito de ajudar a maior população.

Se faz o óleo pra temperar comida,
 é um dos meios de vida pra os fracos de condição.
 Reconhecemos o valor que o coco tem,
 A casca serve também para fazer carvão.

Com óleo de coco, as mulheres caprichosas
 fazem comidas gostosas de uma boa estimação.
 Merece tanto seu valor classificado que,
 Com o óleo apurado, se faz o melhor sabão.
 Palha de coco serve pra fazer chapéu,
 Da madeira faz papel, ainda aduba nosso chão.
 Talo de coco também é aproveitado,
 Faz quibane, faz cercado pra poder plantar feijão.

A massa serve pra alimentar o povo.
 Tá pouco valor do coco, precisa dar atenção.
 Para os pobres, este coco é meio de vida.
 Pisa o coco margarida! E bota o leite no capão.

Mulher parada, deixa de ser tão medrosa!
 Seja um pouco corajosa, segura na minha mão
 Lutemos juntas com coragem e com amor,
 Pra o governo dar valor a esta nossa profissão.
 (CANTO E ENCANTO, 2014, p 8.)

Esta é uma canção de Joao Filho, mais conhecido como João Abelha, mas, embora não seja de autoria das Encantadeiras, é a principal música do repertório. Ao analisar a canção podemos perceber que, logo no início, é usada a interjeição “hei”, seguida do ponto de exclamação com a finalidade de chamar a atenção de alguém e que não está claro de quem se trata. O “hei” também é um chamado/apelo para que não derrubem as palmeiras de babaçu. O autor no refrão adverte que é necessário preservar as riquezas naturais, que neste caso é a palmeira de babaçu e, a sequência das estrofes detalha o porquê essa palmeira é tão importante, pois na verdade é o meio de sobrevivência de muitas famílias.

Na primeira estrofe, João Abelha diz que o coco fruto da palmeira é a maior fonte de riqueza, que da palmeira se retira a palha usada para cobrir as casas de moradias de maior parte da população. Depois das casas cobertas, o óleo extraído do coco serve para temperar comidas, que, segundo o autor da canção, é um dos meios de vida para as pessoas “fracas” de condição, ou seja, que não tem dinheiro. O óleo de coco mais comumente chamado de “azeite de coco” é também comercializado com a finalidade de gerar renda. O autor ainda reforça na terceira estrofe que com o óleo se faz o melhor sabão.

A palmeira é aproveitada na sua totalidade, diz a canção. A palha serve para fazer chapéu, os troncos adubam o chão, do talo é feito o quibane e o cercado do feijão. Nessa estrofe podemos perceber a importância e a relação da palmeira com o processo agrícola, o quanto

estão interligados, desde o processo natural de adubação do solo até os acessórios usados para o manuseio dos trabalhos. O chapéu de palha é uma marca dos trabalhadores rurais, ele é usado pelos agricultores e quebradeiras de coco para proteção contra o sol e também nos encontros e reuniões dos movimentos. Na Marcha das Margaridas, por exemplo, a maioria delas utiliza chapéu como forma de se auto afirmarem como trabalhadoras do campo.

Nas duas últimas estrofes da canção o autor chama a atenção para uma questão bem relevante e que também está dentro das pautas de lutas das mulheres, que é a valorização do trabalho exercido por elas e que já foi enfocada neste trabalho.

Discutir sobre meio ambiente neste universo das quebradeiras de coco e de trabalhadores rurais no Maranhão é falar também sobre conflitos e os embates que acontecem com grandes projetos do agronegócio, com o governo e até mesmo com agricultores familiares. Ambas as coisas estão interligadas, pois permanecer em seus territórios e manter suas riquezas naturais preservadas é um desafio e uma luta permanente em algumas regiões maranhenses.

O MIQCB atua como instrumento articulador das quebradeiras de coco babaçu na defesa do meio ambiente, pelo babaçu livre, lutando por reforma agrária, na busca por direitos e por melhores condições de vida. As articulações das Encantadeiras são uma maneira encontrada para somar forças frente aos desafios. Entretanto, não tem sido uma tarefa fácil evitar ou até mesmo conter os desmatamentos e os impactos causados ao meio ambiente, mais precisamente na Amazônia maranhense, entre os povos e comunidades tradicionais da região: quilombolas, pescadores, quebradeiras de coco babaçu e povos indígenas tem seus territórios ameaçados constantemente por grandes empreendimentos.

De acordo com Alfredo Wagner Almeida e Rosa Marin (2014), alguns municípios maranhenses como Santa Inês, Imperatriz, Monção, Pindaré, Bom Jardim, Açailândia, João Lisboa e Cidelândia sofrem grandes impactos pelo “Projeto Grande Carajás”, iniciado em 1980, com incentivos fiscais e creditícios para projetos agrícolas, agroindustriais e implantação de infraestrutura (transporte e energia elétrica), para o processamento de minérios, agropecuária, exploração madeireira e produção de celulose. (ALMEIDA; MARÍN, 2014. p. 2)

As dinâmicas econômicas utilizadas nesses municípios são setores que estão direta ou indiretamente ligadas aos empreendimentos liderados pela Vale S.A e Consócio de Alumínio do Maranhão – Alumar (ALMEIDA; MARÍN, 2014). Independentemente da dinâmica, as ações dessas empresas provocam sérias questões ambientais, desmatamento, degradação ambiental associada a carvoarias, e grandes plantações com fins comerciais, a exemplo do eucalipto.

Em Imperatriz, a empresa Suzano Papel e Celulose S.A é um empreendimento que vem provocando transformações no meio ambiente e no modo de vida das pessoas. Além, da destruição que provocam a natureza, tentam monopolizar o território, expressando uma ideia hegemônica de “forte” desenvolvimento econômico (ALMEIDA; MARIN, 2014. p 8). Para vender bem essa ideia de desenvolvimento as empresas contam com o apoio estatal através de políticas e dispositivos legais para facilitar suas ações.

Os processos que caracterizam esse novo contexto de monopolização do território são fortemente alicerçados no aparato estatal que por meio de base jurídica, cria dispositivos legais para regularizar e beneficiar as práticas de grandes empresas, não obstante desse processo o Estado do Maranhão também criou uma base jurídica por meio de dispositivos legais que justifica, beneficia e regulariza as práticas da Suzano Papel e Celulose S.A”. (ALMEIDA; MARÍN, 2014, p. 8).

Outro exemplo de devastação ao meio ambiente causado por empresas está localizado na comunidade quilombola dos municípios maranhenses de Viana e Pedro do Rosário, impactados pelo chamado “LINHÃO”, que é linha de transmissão de energia que interliga Norte e Nordeste do Maranhão, mais precisamente Miranda a Encruzo Novo. De acordo, com o boletim informativo da Nova Cartografia Social da Amazônia (ALMEIDA; MARÍN, 2014), a linha de transmissão atingiu 11 comunidades quilombolas, 9 em Viana e 2 em Pedro do Rosário. Estas são regiões marcadas por grandes lagos, igarapés e rios, fator ambiental favorável para a implementação da linha de energia.

A implantação da linha de transmissão acarretou para essas comunidades uma violência ambiental e simbólica, uma vez que foram realizados desmatamentos para abertura de picadas e de áreas de servidão para implementação das torres, devastação dos babaquais e olhos d’água das comunidades, devastação e destruição de área considerada sagrada para a comunidade. As torres cortam as estradas vicinais e aquelas implantadas nos campos naturais alagados. Representam perigo, principalmente para as crianças, no desenvolvimento da pesca e causam incomodo devido o barulho produzido pela corrente elétrica”. (ALMEIDA, MARÍN, 2014, p. 5)

Já no sul do Piauí, que também é área de atuação do MIQCB, o desmatamento está se processando por conta da agricultura empresarial, isto é, o agronegócio vem ocasionando a degradação ambiental e gerando conflitos em torno das disputas por território e acesso aos recursos ambientais. “As quebradeiras de coco, assim como os demais povos do cerrado, sofrem as pressões dos fazendeiros, inclusive o uso da cerca para impedir o deslocamento, o acesso aos babaquais e outros recursos naturais como a água” (ALMEIDA; LIMA, 2019, p. 6).

Ainda de acordo com o referido boletim (ALMEIDA; LIMA, 2019), as áreas que antes eram destinadas a uso comum da população para caça e coleta de frutos nativos foram substituídas por monoculturas de soja e milho. A região do cerrado vem sendo impactada pelos “gaúchos – termo usado para definir fazendeiros produtores de milho. Essa designação é também utilizada em outros estados e “um dos aspectos relevantes que marcam o processo de apropriação das áreas de cerrado do Leste Maranhense para a implantação de plantios em larga escala de arroz, milho, milhete e sobretudo soja, corresponde à presença e participação de agricultores que se autodenominam e são chamados localmente de gaúchos” (GASPAR, ANDRADE, 2014, p. 113). Outros agentes sociais ganham essa designação de gaúcho, que serve para nomear não apenas os proprietários de fazendas, mas também os assalariados por estes contratados é o que diz Andrade e Gaspar (2014).

Além disso, o agronegócio tem acirrado as disputas por território, e a grilagem de terras como expropriação territorial é a maneira mais utilizada pelos grandes produtores, por essa razão o estado até criou uma Comissão Parlamentar para apurar os possíveis casos de grilagem.

Os povos do cerrado, assim como outros povos tradicionais, lutam contra o MATOPIBA. Eles reclamam que as ações desenvolvidas favorecem a ocupação e expansão agrícola de grandes latifúndios e tem gerado gravíssimos impactos socioambientais, provocando problemas em toda região. A grilagem de terra cresceu, o êxodo rural se intensificou, a violência e os conflitos por posse da terra aumentaram, juntamente com concentração fundiária e a riqueza nas mãos de poucas pessoas. Consequentemente, intensificou a pobreza, a perda da diversidade cultural e a biodiversidade, a diminuição da fauna e da flora, a contaminação dos recursos hídricos e mutações genéticas devido ao uso de sementes transgênicas (ALMEIDA; LIMA, 2019, p. 23).

A expressão MATOPIBA é um acrônimo formado pelas iniciais de quatro estados - Maranhão, Tocantins, Piauí e Pará. O termo é utilizado para caracterizar os estados com empreendimentos de larga expansão agrícola, baseados na monocultura e na utilização de equipamentos sofisticados de produção.

Considerado como a “nova fronteira agrícola do país”, o MATOPIBA faz parte do Plano de Desenvolvimento Agropecuário (PDA) do Governo Federal publicado em 06/05/2015, através do Decreto nº 8.447, “que tem por finalidade promover e coordenar políticas públicas voltadas ao desenvolvimento econômico sustentável fundado nas atividades agrícolas e pecuárias que resultem na melhoria da qualidade de vida da população” (BRASIL, 2015). Os povos e comunidades tradicionais lutam contra o MATOPIBA, pois reclamam que essas políticas públicas favorecem a expansão agrícola de grandes proprietários, o que tem gerado muitos impactos socioambientais.

Os povos indígenas Gamela fazem parte dos povos do cerrado e são também impactados pelo agronegócio. Suas comunidades sofrem com o desmatamento e com o processo de expropriação territorial, que além da invasão aos seus territórios tem suas culturas impactadas. Por essas razões, os povos do cerrado, tais como quebradeiras de coco babaçu, indígenas, ribeirinhos, pescadores, brejeiros, trabalhadores rurais e assentados são contra esses “projetos” e lutam para defender suas florestas, seus territórios e o bem viver coletivo dos povos e comunidades tradicionais.

NÃO DEVASTE OS PALMEIRAIS

Não devaste os palmeirais, deixe o coco dar raiz,
Eu vivo quebrando coco, do coco eu sou feliz,
Eu vivo quebrando o coco, do coco eu sou feliz.

Se você é fazendeiro ou algum industrial,
segure suas caboeiras,
Que eu não sou sua rival,
Mas deixe nossas palmeiras,
Botar coco em seu quintal.

Eu conheço essa história, não sei quando terá fim
Eu só quero quebrar o coco,
Eu não quero seu capim,
Já não basta o mal da seca,
Vem a cerca contra mim.
Você é dono do gado, do açude e do curral,
Mas não é dono do coco,
Nem também do coqueiral,
Você corta boi de corte,
Mas não corte o palmeiral.
(CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 21.)

O título da canção deixa evidente que se trata de uma narrativa relacionada à preservação do meio ambiente, mais especificamente à palmeira de babaçu. Logo de início podemos observar que a personagem se coloca em primeira pessoa quando diz: “eu vivo é quebrando coco, do coco eu sou feliz”. Com esta frase reforça que o apelo para que não devaste o palmeiral está diretamente ligado à sua sobrevivência por meio da quebra do coco e indica, além disso, um prazer, uma felicidade ao executá-la.

No segundo momento da música é iniciado um diálogo com outra pessoa, que o próprio protagonista não sabe ao certo se é um fazendeiro ou um industrial, mas é bem enfático quando diz que não é uma rival (deixando claro que se trata de uma protagonista), e pede para que a tal pessoa segure suas “caboeiras”. Esse termo “caboeira” é comum nas regiões do sertão do Ceará, é usado para referir-se a pessoas que recebem dinheiro para matar ou fazer atrocidades,

neste caso da canção, está referindo-se aos capangas (homens) que trabalham para fazendeiros, que muitas vezes, com a ordem de fazendeiros, são violentos com quem adentra em propriedades. Por isso, o único pedido é para que deixem as palmeiras em pé.

“Eu conheço essa história, não sei quando terá fim”. A história citada na frase é referente aos embates travados entre as quebradeiras de coco babaçu e os grandes proprietários de terras. De um lado, as mulheres lutam pela preservação dos babaçuais e pelo livre acesso à coleta do coco, de outro, os grandes proprietários cercam suas terras e devastam para fins da pecuária. Por isso, na canção fala que “não quero seu capim”, como se já não bastasse o mal da seca, ainda tem a “cerca contra mim.

Na canção não diz claramente qual a região onde a narrativa acontece, mas pelo termo “cabroeira” e quando fala em “mal da seca”, isso nos remete a regiões mais secas do Nordeste, só não dá para dizer com certeza onde a situação acontece, embora sugerimos que possa se referir ao Ceará, de onde muitas famílias vieram para o Maranhão em busca de terras férteis e, foram, aos poucos se integrando à economia do babaçu.

Finalizando a música, a protagonista reforça para a tal pessoa (o fazendeiro) pode até ser o dono do gado, do açude, mas que o coco não tem dono, que o único corte que pode autorizar é dos bois para corte, mas do palmeiral não. A música traz um enfoque para a questão da pecuária como fator responsável pelo desmatamento em ares de babaçuais.

Desde a década de 1970, o babaçu vem sendo cercado e apropriado por pecuaristas e empresas, beneficiados por políticas públicas federais e estaduais (ARAÚJO,2013). Seguindo essa mesma linha de pensamento, Mesquita (2008) diz que a maior causa do desmatamento na Amazônia legal (inclusive o Maranhão) é a pecuária extensiva e sua expansão está associada aos benefícios governamentais e a garantia de mercado segurança e liquidez que a pecuária representa frente à agricultura familiar e ao extrativismo. “Tal fato ocasionou profundas mudanças na paisagem, em termos de uso e do acesso à terra, ao substituir milhões de palmeiras por capim e ao privatizar, de forma ilegal milhões de hectares de terra, cujo acesso passa a ser dificultado à coleta de babaçu” (MESQUITA, 2008 p. 55).

O fato é que o governo, independentemente da esfera que representa, é conivente e responsável em grande parte pela devastação ao meio ambiente, tanto na derrubada das matas nativas como babaçu, quanto à poluição dos rios, lagoas, na expropriação dos povos e comunidades e tradicionais de seus territórios, afetando assim, o modo de vida e de reprodução das pessoas.

Há cerca de 20 anos, as quebradeiras de coco discutem sobre instrumentos jurídicos que efetivem, impeçam a devastação dos babaçuais e de outros recursos vegetais estratégicos à

reprodução das famílias que vivem do extrativismo (ARAÚJO, 2013 p. 143). O maior exemplo de instrumento jurídico reivindicado é a aprovação da “Lei Babaçu Livre”, que proíbe a derrubada das palmeiras, as queimadas, o envenenamento e, principalmente o livre acesso aos babaçuais.

A Lei “Babaçu Livre” é uma conquista das quebradeiras de coco babaçu e dos movimentos sociais. Segundo Shiraiishi Neto (2006), as primeiras experiências dessa lei ocorreram nos municípios onde havia maior mobilização e maior grau de organização das quebradeiras de coco. Além disso, a lei é válida em vários municípios do Maranhão, Pará e Tocantins e, embora tenha muito desafios, pois envolve interesses políticos, o que reflete na implementação da lei, a mesma se configura como uma grande conquista para a quebradeiras de coco babaçu.

A canção a seguir retrata sobre essa questão das reivindicações jurídicas frente ao Estado. A letra e música é de Raimunda Gomes da Silva, de São Miguel do Tocantins.

CANTO DAS QUEBRADEIRAS

Refrão: Governadora Roseana,
Não vim aqui para lhe visitar.
Viemos trazer um documento,
Só saio daqui quando negociar.

Somos quebradeiras lá do Tocantins.
Tem do Pará, também do Mearim.
Do Piauí e de todo o Maranhão.
Só saímos daqui com uma decisão.

A Reforma agrária é a solução.
Falta estrada e Educação.
Não tem doutor e falta medicina
E com o salário miséria, ninguém não ensina.

Babaçu Livre é a decisão
Se derrubar é a destruição.
Meio ambiente só se ver falar.
Queremos nossa reserva para preservar.

Somos quebradeiras, demos opinião.
Fizemos lei da nossa profissão.
Já discutimos a legislação.
Pra levar para o congresso para aprovação.
(CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 36)

A reivindicação das quebradeiras de coco dos estados do Tocantins, Pará, Piauí e Maranhão é para a ex governadora do Maranhão Roseana Sarney. Sendo bastante objetiva, as

reivindicações são pela reforma agrária, educação, saneamento básico, pela lei babaçu livre e também pela preservação do meio ambiente.

O debate em torno do meio ambiente e das condições climáticas é abordado no mundo inteiro, são estabelecidos objetivos e metas a fim de amenizar tanta destruição, tanto da biodiversidade quanto da crise em torno da água. Mas o fato é que tais metas não têm saído do papel. Mas onde as quebradeiras de coco babaçu, nos seus modos de viver e se organizar tem a ver com isso? As quebradeiras de coco babaçu também são guardiãs da fauna e da flora e vem lutando diariamente para manter seus territórios preservados, buscando sempre melhores condições de vida no campo, questões que entoam sempre em canções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo que envolve as quebradeiras de coco babaçu é marcado por um longo processo de mobilização e lutas pelo direito à terra e em defesa da preservação e o livre acesso aos babaçuais. Em meio a adversidades elas se organizaram como um grupo sociocultural e político.

Neste trabalho, as quebradeiras de coco foram abordadas num contexto simbólico a partir dos cantos de trabalho do grupo “Encantadeiras”. No decorrer do estudo, descobrimos que o grupo emergiu dentro das articulações criadas pelas próprias quebradeiras de coco, a exemplo do MIQCB e do movimento ASSEMA. A relação entre música e trabalho perpassa gerações de camponeses e quebradeiras de coco, narrativas normalmente cantadas no momento de trabalho de coleta e extração do babaçu, na roça e no movimento, embalados aos sons das palmas, porretes e dos machados. As músicas traduzem suas vidas, utilizam os cantos como forma de protesto e reivindicação política pela preservação dos babaçuais, pela autonomia dos territórios, pela identidade de gênero e pela valorização do trabalho, pela busca direitos a saúde, educação, também as canções abordam temáticas como a seca, imigração e política. Os direitos desses sujeitos estão constantemente ameaçados pelos grandes empreendimentos do agronegócio que vem interferindo no modo de viver dos povos e comunidades tradicionais.

Além disso, pudemos identificar que o grupo “Encantadeiras” tem um modo peculiar, pois, por mais que as canções expressadas por elas sejam narrativas de situações e reivindicações voltadas para o coletivo, cada uma delas carrega particularidades e saberes tradicionais específicos de suas comunidades. A maneira de relacionar a música com os produtos do babaçu e ao campo das suas lutas sócio-políticas, econômicas e ambientais encanta as pessoas por onde passam. Essa relação fez com que os cantos fossem para além dos babaçuais.

Nesse estudo, buscamos evidenciar um olhar para as mulheres quebradeiras de coco que não se restrinja apenas à dimensão econômica, traçando experiências das Encantadeiras, mulheres que através da música, da poesia e da dança vêm construindo formas simbólicas de continuar lutando por respeito e reconhecimento pelo seu trabalho, pela questão de gênero, por suas identidades e pelo babaçu livre. As Encantadeiras por meio dos cantos vêm construindo formas simbólicas de resistir a toda afronta que ameaça o modo de viver dos povos e comunidades tradicionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quebradeira de coco babaçu: identidade e mobilização**. São Luís: III encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu:1995.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno; LIMA, Carmem Lúcia Silva. **BOLETIM INFORMATIVO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS BABAÇUAIS: Povos do Cerrado em defesa de seus territórios e contra a devastação causada pelo agronegócio no Piauí**. Manaus:UEA/Edições PNCSA, n. 1, jan, 2019.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. **BOLETIM INFORMATIVO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA. Violação de direitos e devastação: “Linhão” nas comunidades quilombolas de Viana-Ma**. Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação e comunidades tradicionais. Manaus: UEA Edições. N.8. Set. 2014.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. **CADERNO NOVA CARTOGRAFIA. Devastação e lutas sociais na Amazônia maranhense**. Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação e comunidades tradicionais. Manaus: UEA Edições. Jul. 2014.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Maria Querobina da Silva Neta “Sou uma mulher praticamente livre”**. Rio de Janeiro: casa 8, 2018. (Narrativas das Quebradeiras de Coco Babaçu; n.1).

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quebradeiras de Coco Babaçu: um século de mobilização e lutas- Repertórios de Fontes Documentais e Arquivistas, Dispositivos Legais e Ações Coletivas (1915-2018)**. Manaus: UEA Edições/ PNCSA, 2019.

AMARAL, Mayka Danielle Brito. **Reforma Agrária e Reconhecimento: o caminho da autonomia e liberdade das camponesas- quebradeiras de coco da região do Bico do Papagaio**. 2017. 393 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana), USP. São Paulo, 2017.

ANDRADE, Maristela de Paula. Mutirões, empates e greves- Divisão sexual do trabalho guerreiro entre famílias de quebradeiras de coco babaçu, no Brasil. **Revue Lusotopie**, XII (1-2), 2005, p. 175-189.

ANDRADE, Maristela de Paula. Conflitos Agrários e Memórias de mulheres camponesas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(2): 445-451, maio-agosto/2007

ANDRADE, Maristela de Paula; GASPAR, Rafael Bezerra. Gaúchos no Maranhão: agentes, posições sociais e trajetórias em novas fronteiras do agronegócio. **Revista Pós Ciências Sociais**, v.11, n.22, jul/dez. 2014, p. 109-127.

ANDRADE, Maristela de Paula. **Conflitos Agrários e Memórias de mulheres camponesas**. Estudos Feministas, Florianópolis, 15(2): 445-451, maio-agosto/2007

ARAUJO, Helciane de Fátima Abreu. **ESTADO/MOVIMENTOS SOCIASI NO CAMPO: a trama da construção conjunta de uma política pública no Maranhão**. Manaus: UEA Edições, 2013. 387 p. il. ;23 cm.

ASSELIN, Victor. **Grilagem: corrupção e violência em terra dos Carajás**. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

ASSIS, Yara Santos de Oliveira Alves de. **Canto Popular: a criação musical para além dos muros da escola**. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília- UnB. Brasília. 2009.

ANTUNES, M. O. As guardiãs da floresta do babaçu e o tortuoso caminho do empoderamento. In.: WOORTMANN, E.; HEREDIA, B.; MENASHE, R. (Orgs.) **Margarida Alves: Coletânea sobre estudos rurais e gênero**. Brasília: MDA/PEPIGRE, 2006

AYRES JUNIOR, José Costa. **A Organização Das Quebradeiras De Coco Babaçu E A Funcionalização De Um Espaço Regional Na Microrregião Do Médio Mearim Maranhense**. 2007. 186f. Dissertação (Geografia em Desenvolvimento Regional e Urbano), UFSC. Florianópolis-SC, 2007.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. **Trabalho, Conflitos e Identidades numa Terra de Babaçu. História Social**, n. 14/15, p. 255-275.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. **NA TERRA DAS PALMEIRAS: Gênero, Trabalho e Identidades no Universo de Quebradeiras de Coco Babaçu no Maranhão**. 2007. 161f. Dissertação (Estudos Étnicos e Africanos), FFCH-UFBA. Salvador, 2007.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. **Mulheres do Babaçu: Gênero, Materialismo e Movimentos Sociais no Maranhão**. 2013. 226 f. Tese (Doutorado em História), UFF, Niterói, 2013.

BRASIL. [Constituição (1998)]. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1998**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 22 agosto.2021.

BRASIL. [Decreto nº 8.447]. Dispõe Sobre O Plano De Desenvolvimento Agropecuário do MATOPIBA E A Criação De Seu Comitê Gestor. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 22 agosto.2021.

CANTO E ENCANTO NOS BABÇUAIS. As Encantadeiras: Quebradeiras de coco babaçu que cantam e encantam. As Encantadeiras (Orgs). Apoio: AMTR, MIQCB, ASSEMA, NCADR-UFPA. 2014.

LIMA, Carmem Lúcia Silva; GAIOSO, Aridimar Vasconcelos. **Chica Lera: a história dos movimentos sociais e a luta das Quebradeiras de coco babaçu no Piauí**. Manaus: UEA Edições/PNCSA, 2019. 121 p. (Narrativas das Quebradeiras de Coco Babaçu. N.3)

MIQCB. **Relatório de Pesquisa - Projeto Conexão Local: Movimento Interestadual das quebradeiras de coco**. BOLONHÊS, Alice Cristófaró; OLIVEIRAS, Pedro Sonego; ABREU, Kate Dayana R. (orgs). São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2013. 23 p.

MESQUITA, Benjamim Alvino de. AS MULHERES AGROEXTRATIVISTAS DO BABAÇU: a pobreza a serviço da preservação do meio ambiente. **Rev. Pol. Públicas**. São Luís, v. 12, n. 1, p. 53-61, jan./jun. 2008.

MIQCB. **Relatório de Pesquisa- Projeto Conexão Local: Movimento Interestadual das quebradeiras de coco**. BOLONHÊS, Alice Cristófaró; OLIVEIRAS, Pedro Sonego; ABREU, Kate Dayana R. (orgs). Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. 2013. 23 p.

SHIRAIISH NETO. Joaquim. **LEIS DO BABAÇU LIVRE: Práticas jurídicas das quebradeiras de coco babaçu e normas correlatas**. (Coleção Tradição e Ordenamento Jurídico). Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PPGPSCA- UFAM/FUNDAÇÃO FORD). Manaus, 2006.

SILVA, Linalva Cunha Cardoso. **QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU, ORGANIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO POLÍTICA NO LAGO DO JUNCO E LAGO DOS RODRIGUES, REGIÃO DO MÉDIO MEARIM (MA): a experiência da fábrica de sabonete**. 231 f. Dissertação (Mestrado Cartografia Social da Amazônia) - Universidade Estadual do Maranhão- UEMA. São Luís. 231 p. 2018.

SILVA, Marie Sette Silva; NAPOLITANO, Elisa Juliana; BASTOS, Silvana (Orgs). **PEQUENOS PROJETOS ECOSSOCIAIS DE QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: reflexões e aprendizados**. - Brasília: ISPN, 2016. 116 p.

VALE, Camila do, MARTINS, Cynthia Carvalho, NUNES, Patrícia Maria Portela. **Nice Guerreira: mulher quilombola e extrativista da floresta**. Alfredo Wagner Berno de Almeida, ed. Rio de Janeiro: casa 8, 2016. (Coleção Narrativas Quilombolas; n.2)